

A close-up, profile view of a woman with a joyful expression. She is wearing a headscarf with a complex geometric pattern in shades of brown, yellow, and green. Her face is adorned with several small, round white beads or sequins. She is wearing a large hoop earring with a tassel. The background is a textured, light-colored surface.

A Moça de Pele Marrom

e outros contos

Humberto Barcelos

*A Moça
de Pele Marrom
e outros contos*



Humberto Barcelos

Copyright © 2020
Humberto Barcelos
Todos os direitos reservados

Projeto gráfico:
Marco Zero Editora

Coordenação editorial:
Rafael Silva

Revisão:
Edmilson Sanches

Capa:
Humberto Barcelos
Rafael Silva

Impressão:
Marco Zero Editora
(sistema digital)

Composto na fonte
Georgia 12/14.
Miolo impresso sobre
papel Pólen 80 g/m²
e capa sobre
Couchê 300 g/m²
Sistema digital da
Marco Zero Editora.
<rafael.uemasul@gmail.com>
Imperatriz - MA
Setembro de 2020



MARCO ZERO EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B242a

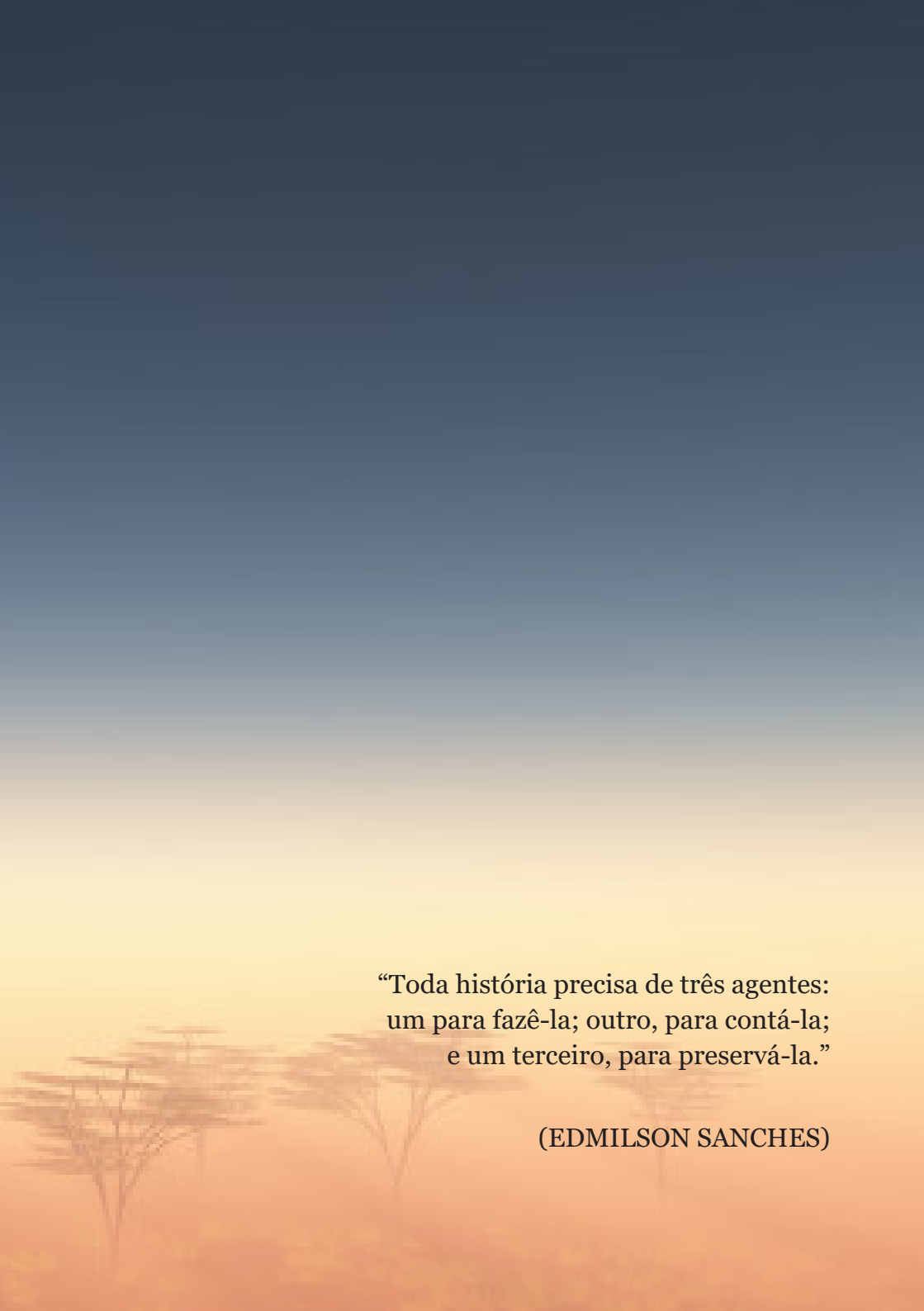
Barcelos, Humberto. A moça de pele marrom e outros contos
/ Humberto Barcelos — Imperatriz: Marco Zero, 2020.

134 p.; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-990790-1-6

1. Literatura brasileira. 2. Literatura. 3. Contos
I. Título. II. Subtítulo

CDU 8. 82-1



“Toda história precisa de três agentes:
um para fazê-la; outro, para contá-la;
e um terceiro, para preservá-la.”

(EDMILSON SANCHES)

Para:

Roque de Barcelos e Silva
(Meu querido avô - *in memoriam*)

Suely de Jesus Santos
(Minha irmã e amiga - *in memoriam*)



Agradecimento especial:

À minha esposa, Sonise,
pelo companheirismo apoiador.

Às minhas filhas, Carol e Gabi,
por serem minha fonte de inspiração.



Agradecimento:

Aos membros da
Academia Imperatrizense de Letras (AIL),
pelo apoio à cultura regional e nacional.



NOTA DO AUTOR

Os contos em geral possuem suas próprias características e, dentre elas, se destacam a brevidade do relato e a concisão da história. Talvez sejam exatamente esses elementos que os tornam tão fascinantes para quem os lê e, por que não dizer, para aqueles que os escrevem também.

Esta obra objetiva partilhar com o leitor contos que possam contribuir para o prazer de ler em uma época em que cada vez menos pessoas o fazem de modo significativo. Em sua maioria, os contos são breves, simples e baseados em experiências comuns do dia a dia.

Algumas histórias são acontecimentos reais mesclados com a imaginação ficcional. Nada de novo se levarmos em consideração que tantos outros autores já fizeram o mesmo. Porém, boa parte dos contos escolhidos para esta obra destacam um ou mais elementos surpresa com o intuito de enriquecer a narrativa bem como a imaginação do leitor.

As ilustrações no início de cada conto são propositais. Tratam-se de uma experiência que intenciona usar a linguagem das imagens como complemento das palavras tornando a leitura ainda mais propícia para uma boa recordação.

Espero que você, leitor, goste do resultado.

PREFÁCIO

O professor Humberto Barcelos me oferece a oportunidade de prefaciar seu livro de contos *A Moça de Pele Marrom e Outros Contos*. Não posso deixar de lembrar, neste momento, dos livros de contos que não li, porque não foram escritos pelos confrades e confeitras da Academia Imperatrizense de Letras, nesses últimos anos de atividade literária desenvolvida na confraria.

Digo isso porque produção literária é um tema recorrente entre nós, acadêmicos. Existimos como Academia de Letras para produzir e consumir literatura. Será verdade que a culpa desse vazio literário, principalmente de textos em prosa, são os tumultuosos tempos modernos que nos têm privado de exercitar a arte literária, embora tanto desejemos?

Barcelos vem em nosso auxílio produzindo este belo exemplo de literatura, corrente ao talento de simples exercício narrativo do cotidiano. Não é outra coisa o que pretende o escritor, principalmente o de contos, senão fazer a narrativa de histórias de vida que se passam ao nosso redor.

Conto é um gênero literário que se caracteriza por curta narrativa de histórias, culminada com um final surpreendente e uma mensagem nela encerrada de forma declarada ou subliminar. Pois bem, Humberto Barcelos apresentou em *A Moça de Pele Marrom e Outros Contos* esses três elementos.

É truísmo dizer que grandes escritores são bons narradores. Alguns, mesmo fazendo literatura de longo curso,

como Italo Calvino, para não listar tantos outros, esmeram-se em narrativa, mesmo correndo o risco de parecer aos leitores empíricos que a bela narrativa é seu maior propósito.

É preciso se tornar um leitor crítico para tirar o melhor proveito da leitura de contos como os de Humberto Barcelos. Ele narra porque sabe escrever e conhece as profundezas da alma humana. Ao ler esse livro, prestem a atenção na singeleza da narrativa e do estilo literário. Não se esqueçam que o ideal de todo e qualquer escritor é alcançar a linguagem plástica, a polissemia que só a simplicidade da comunicação alcança. O verdadeiro prazer da leitura é ler sem esforço, interessar-se pela história narrada e chegar rapidamente ao final do conto para se surpreender, e de tudo tirar uma lição de vida.

Humberto nos ensina que, mesmo quando a surpresa final não ocorre em letras e palavras, ela está inserida na mensagem subentendida. Os teóricos da literatura são unânimes em dizer que todo texto apresenta ao leitor a oportunidade de continuar o que o escritor lançou no papel. Não há leitura inocente, alguém já disse. E, assim, Humberto Barcelos, em singela narrativa, oferece enorme possibilidade de reescrevermos seus textos, na interpretação da vida, segundo a compreendemos.

Leiam, amigos, este livro de Humberto Barcelos e preparem-se para escrever contos, seguindo a linha simples e bela de seu exercício narrativo.

Agostinho Noletto

Membro da Academia

Imperatrizense de Letras - AIL

Cadeira nº 25

SUMÁRIO

Conto 1: A Moça de Pele Marrom.....	15
Conto 2: Mar à Vista.....	25
Conto 3: Naquele Lugar.....	33
Conto 4: Companheira de Todos.....	37
Conto 5: Inimigos	45
Conto 6: Ela e Ele	53
Conto 7: Cavalo Amarelo.....	61
Conto 8: <i>¡Buenos días!</i>	69
Conto 9: O Reino dos Cabelos	75
Conto 10: O Saco Azul	81
Conto 11: Princesa Diana.....	95
Conto 12: A Grande Plateia	103
Conto 13: A Sorte Está Comigo	111
Conto 14: Contos da Vida	125



CONTO 1

A MOÇA DE PELE MARROM

Luzia se levantou cedo para ir à clínica, onde havia marcado uma consulta de rotina com sua ginecologista. Não tinha nenhuma preocupação específica e, por isso, parecia que seria um dia como tantos outros sob as mesmas circunstâncias. Desde muito jovem, desenvolvera o hábito de cuidar apropriadamente da saúde, seguindo os conselhos da mãe. Àquela altura, Luzia já contava com seus trinta e dois anos de idade.

Vindo de uma família de baixa renda, ela havia conseguido certa estabilidade profissional e financeira, o que não ocorreu com seus oito irmãos, que estavam espalhados por outras cidades, com exceção de Geralda, que residia no mesmo bairro que ela. Ambas mantinham um relacionamento menos achegado do que deviam e mais próximo do que queriam. Sempre que podia, Luzia ajudava a irmã de várias formas, mais por um senso de obrigação do que de prazer. Tinham suas diferenças, e não eram poucas.

No dia marcado para a consulta, Luzia não tinha pressa, pois estava de folga do trabalho. A médica que a examinaria era bem-conceituada e não seria a primeira vez que se encontravam, o que era motivo para uma tranquilidade adicional. Quando chegou ao consultório, foi necessário esperar um pouco mais, além do horário marcado, devido a um imprevisto. A médica precisou atender ao chamado para auxiliar em um parto, mas voltaria logo. Sem maiores preocupações,

Luzia aguardou com paciência, na sala de espera, enquanto navegava em suas mensagens do WhatsApp e do Facebook, na esperança de que o tempo avançasse mais rápido que o normal. Ilusão, é claro. Porém, geralmente funcionava.

A médica finalmente chegou. Trazia consigo sua pequena filha, que aparentava ter quatro ou cinco anos de idade. Tratava-se de Júlia, ou Julinha, como todos a chamavam. Era a primeira vez que Luzia via a menina. Depois de cumprimentar rapidamente os presentes que estavam na recepção, a médica entrou em sua sala, visivelmente apressada, levando a pequena pela mão. Após alguns minutos, pediu que Luzia entrasse também e pediu desculpas por ter que trazer a filha consigo para o trabalho, culpando o marido que não pôde buscá-la na escola, em seguida começou a conversa comum de médica e paciente.

Enquanto a consulta prosseguia, Luzia percebeu que Julinha a encarava, estática. Olhava para ela de cima a baixo, séria, sem nem mesmo piscar. A menina não parecia ter medo, nem espanto, nem timidez, nem qualquer outro sentimento que se pudesse identificar. Apenas olhava fixamente para a paciente da mãe. Então, levantou-se de sua cadeira, devagar. Deu dois pequenos passos, armou seu dedinho indicador e o esfregou na pele do braço de Luzia. Em seguida, conferiu, olhando para a pontinha do dedo, para ver se a cor da pele negra de Luzia havia sido “transportada” para seu dedo. A médica não percebeu o ocorrido pois estava de cabeça baixa e de olhos focados no histórico de sua paciente.

Luzia fez um esforço enorme para não sorrir da situação e quase incentivou a menina a esfregar o dedinho outra vez.

Assim, Julinha, percebendo a não oposição diante de sua primeira investida, tentou novamente apossar-se da cor da pele da desconhecida: mais uma vez, esfregou o dedo e o olhou; e, assim como na vez anterior, nada aconteceu. A cor não saía! Nisto, sua mãe percebeu o que ocorria e...

— Júlia, minha filha! Que modos são esses? Desculpe-me, Luzia. Essa menina!...

— Que é isso! Criança é criança — respondeu Luzia, sorrindo.

— Em casa teremos uma conversa sobre isso, ouviu? — ameaçou a mãe, corada de vergonha.

Enquanto a bronca prosseguia, a pequena olhava para a mãe, sem medo, apesar de demonstrar algum interesse na repreensão, já desenvolvendo a arte de lidar com situações críticas. Esperou a mãe se distrair e olhou interrogativamente ainda duas ou três vezes para a ponta do dedo. E o dedo continuava branquinho, sem “a cor”, sem nada. Luzia continuou com a consulta tentando não sorrir desnecessariamente da cena engraçada, ao mesmo tempo em que fazia um retrospecto rápido dos problemas que já havia enfrentado por ser negra e de como soube lidar com maestria em todas as situações. Por isso, não se preocupou em fazer julgamentos sobre a origem da curiosidade de Julinha nem tampouco da educação que teria recebido; afinal, “criança é criança”.

Já a mãe de Julinha, continuou constrangida pelo incidente e manteve os repetidos pedidos de desculpas, além das contínuas palavras de repreensão à filha. Desculpas aceitas, o retorno foi marcado e Luzia deixou o consultório. Dali ela

se dirigiu para o centro comercial e, já que as principais lojas que costumava visitar estavam bem perto, aproveitou. Andou, questionou, comparou preços, aumentou sua dívida no cartão de crédito, e foi para casa com aquela felicidade que só as compras trazem a qualquer pessoa.

Julinha teria ainda muita pressão para enfrentar. Enquanto a mãe a levava do consultório para casa ao final do expediente, os sermões se estendiam, dentro do carro. Porém, para a pequena, de nada adiantava ouvir que era falta de educação o que havia feito; que aquilo não se faz; onde ela havia aprendido aquele comportamento etc. Considerava sua ação normal, lógica e necessária. Respondia à mãe com um “sim” ou um “não”, dependendo do que previa ser a resposta requerida para as circunstâncias. E a mãe continuava a falar, e falar...

Mais tarde, ao chegarem a casa, durante o jantar, Julinha, por insistência da mãe, teve que explicar ao pai o incidente ocorrido no consultório. A mãe precisava certificar-se de que as lições direcionadas à filha haviam atingido o objetivo.

— Vamos, Julinha! Diga ao seu pai o que você aprendeu hoje com a mamãe.

— Eu aprendi?

— Sim. Sobre a moça lá no consultório.

— Ah, tá — disse Julinha, já sorrindo.

— O que foi, meu bem? — perguntou o pai, curioso.

— Foi assim: a mamãe me levou pro trabalho dela e lá tinha uma moça marrom, e ...

— Julinha!! — exclamou a mãe, interrompendo-a.

— Marrom? — perguntou o pai, sorrindo e tentando não dar uma gargalhada.

— Sim, papai. Marrom.

— Minha filha... — mais uma vez, a mãe.

— Deixa eu contar!! — retrucou Júlia.

— Conta, meu bem, conta — insistiu o pai.

— Então. A moça estava sentada e ela era marrom. Eu só passei o dedo nela pra ver se a cor saía, e mamãe começou a brigar comigo!

O pai não conseguiu segurar a gargalhada. A mãe olhava para ele, séria, aborrecida, sem entender porque não compartilhava a preocupação dela em relação ao ocorrido. Julinha sentiu a possibilidade de ter alguém que a ajudasse e viu no riso do pai a confirmação de que tinha um aliado. Naturalmente, ele não havia se tornado um aliado, ou inimigo, visto que estava ainda tentando se recuperar e parar de sorrir da coisa toda, não tendo tempo para tomar uma decisão de qual postura assumiria. Passada a euforia do primeiro momento:

— Ô, meu amorzinho — argumentou o pai —, as cores das peles das pessoas não saem por se passar o dedo nelas. Se você esfregar o dedinho na pele do papai ou da mamãe a cor não aparecerá em seu dedo, não é?

— É.

— Então. Com a moça que você conheceu no consultório não é diferente. Não foi isso que a mamãe te explicou?

— Foi. Mas primeiro ela brigou comigo...

O pai de Júlia prosseguiu falando sobre o que entendia serem as melhores informações para se dar a uma criança, reforçando o que a mãe já havia dito e acrescentando seus próprios argumentos. Explicou o que lhe veio à mente naquele momento de despreparo em relação ao caso, ou seja, que as pessoas são diferentes na cor da pele, dos cabelos, dos olhos; na altura, no peso, no jeito de falar, andar etc. Que essas diferenças não as tornavam melhores nem piores. Eram apenas características dos seres humanos. Apelando para o pensamento infantil, acrescentou que, com os animais, não seria diferente. E que “existe o gatinho e o cachorrinho branco, preto, ‘marrom’ [risos]”, e assim por diante.

Enquanto isso, a menina escutava e parecia assimilar o que estava sendo dito, com os mesmos “sim” e “não” meneando com a cabeça, ou usando as palavras, assim como na primeira conversa com a mãe. Mas, agora, a situação permitia um diálogo mais calmo e as confirmações ou negações não provinham de uma mente distraída.

Mais tarde, na noite daquele dia, Julinha dormia “o sono dos anjos” em seu quarto enquanto, na sala, o incidente voltou a ser assunto de discussão entre seus pais. A mãe dizia não entender como a filha poderia ter se comportado como o fez, argumentando que havia pessoas de todas as “raças” em todos os lugares em que a filha frequentava. Definitivamente, não havia explicação para o ocorrido.

— E quem são as pessoas negras com quem temos contato? — perguntou o marido.

— Existem várias pessoas “morenas” que nós conhecemos — respondeu a mãe.

— Percebeu o que você falou? Já notou que você sempre chama as pessoas negras de “morenas”?

— O que você quer dizer com isso?

— Não quero dizer nada. Mas, quantos meninos ou meninas negras estudam com a Júlia?

— Eu sei lá. Devem ter várias.

— Talvez não tenha. Não me lembro de nenhuma. E entre nossos parentes? Nem da minha família nem da sua.

— Pelo amor de Deus, Miguel! Quer dizer que a menina nunca viu uma “pessoa de cor”?

— “De cor”?

— Você entendeu!

— Não estou dizendo que ela nunca tenha visto, mas pode ser que não tenha tido oportunidade de interagir, como ocorreu no consultório. Ou talvez nunca tenha tido a ideia de fazer o que fez.

— Pois é. Acontece que eu quase caí a cara de vergonha, na frente da minha paciente.

— E a paciente, ficou aborrecida?

— Acho que não. Pelo menos, não na hora.

— Então. Foi só uma coisa de criança — concluiu o pai, que passou a tratar de outros assuntos.

No dia seguinte, Júlia foi para a escola com sua mãe. Quando chegaram lá, os olhos da mãe procuravam uma criança que fosse negra, mas não encontrou nenhuma. Ficou frustrada. Não conseguia deixar de pensar na possibilidade de ter, de alguma forma, contribuído para o acontecimento que agitou ainda mais aquela semana corrida. Deixou a filha com a professora e saiu, não sem antes dar uma última olhada ao redor à procura de uma pessoa “de cor”.

Logo depois, na sala de aula, a professora pediu a todos, em uma atividade de Arte, que pintassem vários desenhos, incluindo pessoas, animais e plantas. Júlia despejou sobre sua mesa um arco-íris de lápis. Pintou toda a grama de verde e o céu sempre azul, como de costume. Daí, estendeu a mão para colorir as demais personagens. Hesitou por um momento, assimilando sua recente e nova experiência e decidiu por pintar o menino de “cor de pele” e a menina da “cor da outra pele” — marrom.

A coleguinha, que observava ao lado, protestou:

— Ela é preta.

E Júlia:

— Não. Ela é marrom.

“...poucos ali conseguiram
sentir o que eu senti,
com a mesma intensidade
e admiração.”



CONTO 2

MAR À VISTA

Eram sete horas da manhã quando mamãe me acordou. Com seu jeitinho carinhoso, beijou meu rosto, ternamente, enquanto me apertava contra o peito. Sua voz macia e seu cheiro único ficariam eternizados em meus sentidos por toda a minha vida.

— Bom dia, minha princesa. Dormiu bem?

— Sim, mamãe — respondi, sonolenta e com uma preguiça enorme.

Embora esse ritual ocorresse diariamente, durante todos os meus primeiros anos de vida, aquele dia seria especial. Papai estava de folga e havia combinado levar a família para um banho na praia. Isso poderia ser considerado algo comum se em nossa cidade houvesse alguma praia. Porém, a mais próxima ficava a cerca de quinhentos quilômetros da cidade em que morávamos. Então, tínhamos uma alegria dupla: uma viagem, que sempre era divertida, pois meus pais tinham um excelente senso de humor, e, é claro, a praia.

Meu irmão caçula, o Carlinhos, naturalmente estava incluso nos planos. Eu o amava verdadeiramente apesar das implicâncias que, com frequência, trocávamos. Alternávamos apenas quanto a quem começaria a confusão. Ora ele, ora eu, só parando diante da intervenção de papai ou de mamãe. No mais, brincávamos, conversávamos, sorriamos. E que som gostoso tinha o riso dele!

A tal viagem havia sido programada há quase um ano. Um fator decisivo para que ela tivesse data certa para acontecer foi o fato de papai ter comprado um belo carro. Todos estavam animados com o novo bem da família. Papai, então!... Ele lavava o White — foi assim que ele o nomeou, utilizando o seu inglês limitado — todas as semanas. Eu o ajudava naquela função. Enquanto ele jogava água sobre o veículo, permitia-me esfregar a esponja, embebedada de espuma, com uma das mãos e, com a outra, eu apalpava cada centímetro do veículo para ter uma ideia plena da dimensão de suas formas e tamanho. Foi dessa maneira que consegui entender melhor como era o "famoso" White.

No dia tão esperado para a viagem, tão logo mamãe acabara de me ajudar a vestir a roupa ideal, partimos, nós quatro, naquela jornada rumo ao mar. Foi uma viagem deliciosa! Papai salvou músicas prediletas no pen drive, algumas de sua escolha, outras escolhidas por mamãe, para ouvirem durante o percurso. Meu maninho ficou fixado em seu celular, sem chip, é claro, por conta dos seus sete aninhos, com os jogos preferidos que o ajudavam a não ver o tempo passar. Eu, que já estava com meus dez janeiros de vida, possuía um aparelho com chip, já que meus pais julgavam necessário, “para maior segurança”. Fui ouvindo minhas músicas, também escolhidas a dedo.

Tomamos o café da manhã na estrada. Contamos algumas histórias. Impliquei com meu irmão e ele comigo. Paramos para usar o banheiro umas três vezes. Almoçamos. Seguimos viagem. Senti sono. Dormi segura, com meu herói ao volante. Acordei com o sacolejar do carro no primeiro quebra-molas na entrada da cidade de destino. Depois, um segundo quebra-molas. Eu já estava desperta. Chegamos.

Em busca do endereço do hotel, meus pais trocaram algumas informações e questionaram as orientações do GPS. Chegaram a um consenso, enfim. Uma vez no hotel, retiramos os pertences do carro para nos acomodar. Ajudei no que foi possível. O meu irmão "reclamão", como sempre, exigia que eu fizesse mais do que fiz. Papai o repreendeu de imediato, o que, dadas as circunstâncias, me deixava feliz. Nem sempre eu me sentia bem com a proteção extra que me davam. Mas este não era o caso. Ponto para mim.

Como ainda era cedo da tarde, foi decidido que iríamos logo à praia e aproveitaríamos o res'tante do dia. Mamãe havia comprado um biquíni novinho para mim, além dos que eu já possuía. Para o caçula, uma sunga "de primeira". Como o plano era que ficássemos ali por três dias, mamãe perguntou se eu gostaria de usar o biquíni novo naquele primeiro dia. Respondi positivamente. Enquanto tomávamos essas decisões de natureza feminina, papai estava na recepção acertando os últimos detalhes do *check-in*. Chegando ao quarto, ele disse que já estava tudo certo. Fomos então de carro até a praia, que ficava a uns quinze minutos do hotel.

Depois de alguns minutos de deslocamento:

— Papai, já está perto? — perguntei-lhe, ansiosa.

— Sim, querida. Quase lá.

— Posso abrir as janelas?

— Claro, meu bem — respondeu papai, sem perguntar o motivo do pedido. E nem precisava, já que estava habituado a outros pedidos semelhantes a esse, vindos de mim.

Quando abri as janelas do carro, pude sentir um cheiro diferente. Um cheiro agradável, úmido, ímpar. No interior do veículo, uma conversa sobre uma vaga para estacionar. Pronto! Vaga encontrada. Ao abrimos as portas, o vento tomou conta de nós. Um vento misturado com brisa. Uma brisa misturada com paz.

Descemos do carro e, já descalça, senti sob meus pés os grãos de areia espalhados no calçadão da beira-mar. Um pouco depois, a areia plena — a princípio, macia, morna e seca; depois, mais rígida, fria e encharcada. O sol penetrava minha pele com um calor especial. Fui temporariamente interrompida em meus pensamentos pelo grito do Carlinhos: “Mar à vista! Mar à vista!”. Mas logo continuei a me maravilhar com aquele vento que me tocava com certa delicadeza como se me dissesse: “Seja bem-vinda, Alice”.

E eu me sentia mesmo muito bem-vinda. Aproveitei ao máximo de tudo. Corri, caí, rolei, brinquei, comi meu picolé preferido e almocei um delicioso peixe. Em seguida, uma pausa para tirar o sal do corpo no chuveiro de água doce da barraca em que ficamos. A água tinha um certo cheiro de ferrugem. Mas isso só era ressaltado por mim, acredito. Um pouco de sono. Um cochilo na rede. Poucos minutos. Acordei elétrica de novo.

— Agora é a sua vez — disse mamãe, designando o papai para nos acompanhar da barraca até o mar.

— Vamos lá, meninada — convocou-nos papai.

Ele estava nitidamente agitado. Não soltava minha mão, ajudando-me a equilibrar diante da força das ondas. Ao

mesmo tempo, mantinha-se perto do Carlinhos, por todos os motivos impostos pela proteção. A cada onda, papai me erguia e baixava em movimentos que, eu bem sabia, cedo ou tarde o cansariam. Eu sentia as ondas à medida que calculava, pela força, o tamanho de cada uma delas. Papai me ajudava no processo. “Essa é das grandes, Alice!...”. Gritava ele. Depois: “Essa é menor!”. Eu estava muito feliz e concentrada em cada movimento, sendo interrompida apenas pelas várias vezes em que papai perguntava se a água havia atingido meus olhos.

A única coisa que me incomodava, de fato, era o gosto forte de sal em minha boca. Por vezes o cuspi. Mas não fiz muito alarde sobre isso, já que não ouvi outra pessoa reclamar da mesma coisa. Contentei-me em pensar que apenas eu não estava acostumada com toda aquela salinidade. Certamente, não foi motivo para mudar aquele dia tão divertido.

Já ao final da tarde, exaustos, nos dirigimos para o carro levando as lembranças na mente, o ardor na pele e areia nos pés. Chegando ao hotel, tomamos um bom banho para finalizar e fizemos planos sobre como seria o dia seguinte. Eu estava cansada e ansiosa, mas muito, muito contente!

Após um lanche, fomos para a cama, eu e meu maninho em um quarto e papai com mamãe no outro. Era costume eles se revezarem em nos colocar para dormir, após uma história inventada ou lida. Naquele primeiro dia foi a vez da mamãe.

— Se divertiu, querida? — perguntou ela com sua voz suave, típica.

— Sim, mamãe. Muito.

— E você, Carlinhos? — perguntou, tendo o silêncio como resposta, já que Carlinhos adormecera.

Um beijo em mim, outro nele.

— Boa noite — finalizou ela, apagando a luz e deixando a porta entreaberta.

Naquela cama macia me virei para o lado, em posição fetal, já disposta a dormir. Em minha mente cada momento na praia começou a se repetir e tive a sensação de estar lá outra vez.

Eu não saberia descrever de modo convencional tudo o que aconteceu, e muito menos o que senti. Na verdade, não o poderia, pois nunca vi coisa alguma. Nasci sem visão. Para mim, o mar não estava “à vista”, como disse meu maninho — estava em tudo.

Mesmo não tendo visto toda aquela beleza que meus pensamentos conceberam naquele dia, de uma coisa tenho certeza: poucos ali conseguiram sentir o que eu senti, com a mesma intensidade e admiração.

*“ Havia também os que
choravam por não se conhecerem,
por não existirem,
por não quererem existir.
Estavam sós. ”*



CONTO 3

NAQUELE LUGAR

Naquele lugar a feiura imperava. As paredes continham uma sujeira que resistia a todas as tentativas feitas de limpá-la. O telhado era de uma madeira velha que sugeria cair sobre quem estivesse debaixo, sem nenhum aviso ou arrependimento. O piso refletia reformas feitas “a facão” e dispunha de cores diversas dos materiais utilizados em seu remendo. As teias de aranha se alojavam nos cantos, resistentes, moradoras permanentes, indiferentes a quem entrasse ali. A porta não possuía mais fechaduras e exibia apenas buracos talhados de onde, um dia, houve uma tranca. Todo o ambiente, embora submetido a limpeza ocasional, possuía um encardido que prevalecia sempre. A construção não era tão antiga, mas parecia ter décadas de existência.

Naquele lugar havia uma forma de “arte”: palavras escritas em todos os cantos. Palavras blasfemas em perfeito desrespeito às santidades, acusações efêmeras com nomes específicos de pessoas conhecidas pelos frequentadores. Algumas escritas com qualquer tipo de tinta ou marcador disponível; outras, talhadas e trabalhadas como uma demonstração do desejo do produtor em mantê-las ali por muito tempo. Os desenhos se destacavam pelo cunho pornográfico, nitidamente ofensivo, sem nenhuma preocupação de serem bem feitos, simplesmente grotescos, tanto quanto a intenção dos seus “artistas”.

Naquele lugar alguns dormiam. Ora dominados pelo sono da fadiga, ora pelo sono do entorpecimento. Havia

aqueles que apenas ficavam ali para que o tempo passasse e para que o mundo também passasse, embora soubessem, ainda que intimamente, que isso era apenas uma ilusão. Mas era mesmo de ilusão que queriam viver, já que a realidade não lhes interessava em nada. Na verdade, sequer conseguiam distingui-la da fantasia. Apenas dormiam. E o tempo passava. E a vida passava.

Naquele lugar os mais fracos eram humilhados pelos mais fortes. O amargo da força inferior era potencializado pelo terror da agressão física e psicológica. Ali, o fraco era lesado, esmurrado, rebaixado e oprimido. Ali, o fraco ficava sem vida apesar de, mesmo antes, já se sentir sem ela. Os fortes descarregaram seus próprios medos, angústias e as vitórias falsas da brutalidade que externavam.

Naquele lugar enviavam e recebiam mensagens. Muitas, supérfluas e outras... mais supérfluas ainda. A comunicação eletrônica dos textos e das *selfies* seguiam sem objetivo específico e apenas corriam como águas de uma represa que estoura e arrasta tudo pela frente, inconsequente, causando dor, tristeza e sofrimento. Muitas daquelas mensagens formatavam-se em imagens de rostos alegres e tristes, lábios rissonhos e mentirosos, cabelos lindos e falsos. Tudo um reflexo do sofrimento causado pelo desespero e por uma falta imensa de objetivos e motivos para se viver.

Naquele lugar dois jovens se enamoraram, namoraram, se entregaram e... veio um bebê! O desespero chegou como um inimigo furtivo, sem aviso, com gosto de sangue e de depor uma vida. A moça escondeu a barriga, até quando pôde. Tomou providências para “resolver” o suposto mal. Mas não

tinha coragem. Precisou de ajuda. E, ali mesmo, suas lágrimas rolaram. Uma amiga, uma cúmplice, e o aborto se concretizou com dor, com dolo e um arrependimento que veio depois. Veio tarde e veio ardido, incicatrizante.

Naquele lugar, uma menina infligia, em si mesma, cortes pelo corpo para causar uma dor externa que amenizava sua dor interna, maior, muito maior! Um menino injetava no próprio corpo todas as substâncias que pudesse obter, já que a inalação de outras não mais o satisfazia, e ele agonizava. Outro, chorava tapando a boca e reprimindo os soluços, por causa do pai, por causa da mãe, por causa do mundo, por causa de tudo. Havia também os que choravam por não se conhecerem, por não existirem, por não quererem existir. Estavam sós.

Naquele lugar ocorreram histórias de risos e tristezas, de beijos e cortes, de vida e morte. Os anos passaram e algumas coisas mudaram, sem, no entanto, mudar o passado. Cada um que por ali esteve levou consigo todas as vivências que, como uma tatuagem feita em um momento de embriaguez, permanece como uma lembrança vergonhosa de um momento de tolice.

Igual àquele lugar tantos outros existiam, por todos os bairros da cidade.

Aquele, em específico, era só mais um banheiro de uma velha escola pública.



CONTO 4

COMPANHEIRA DE TODOS

Eram quatro horas da tarde quando precisei colocar três grandes bolsas abarrotadas de fraudas, e outros panos da mesma “família”, no porta-malas do carro e me deslocar para o hospital. Chegando lá, tive o prazer de ver o desenrolar do nascimento da minha primeira filha. Tudo correu bem. Após o parto, eu a fitava através do vidro que nos separava, e pensei “nela”, não na filha, por que já estava segura, mas em outra “ela”:

Ao nascermos somos envolvidos por um tipo dela, que nos protege e nos mantém vivos, especialmente no exato momento em que despertamos para a luz deste mundo que se tornará, quer queiramos quer não, o palco em que atuaremos e no qual teremos nossas alegrias, fantasias e tristes realidades. Ao primeiro choro e ao primeiro toque em um bebê, recomenda-se que não a afastem dele até que a hora chegue em que sua proteção possa ser descartada.

Ainda crianças, ela nos acompanha praticamente o tempo todo e não sentimos absolutamente nenhum sentimento de agradecimento e nem de repulsa por seus cuidados. Seu toque se faz presente em nossa boca com gosto insípido, mas facilitador e necessário; em nosso rosto, sem nenhum objetivo específico, porém, é inevitável; em nossos cabelos, por um erro de cálculo; em todo o restante do corpo, por vários erros de cálculo. Em resumo, ela está em quase toda parte.

E não é com rara frequência que essa amiga nos causa os mais diversos problemas, especialmente em nossos primeiros passos na vida. Ela é invisível aos pequenos seres humanos e torna-se uma armadilha perfeita para os pezinhos gordos desavisados. Um andar que seria a libertação para os que desejam pôr abaixo tudo o que encontram pelo caminho, querendo ouvir o som dos objetos caindo no chão, às vezes quebrando-os ou simplesmente fazendo o barulho ocorrer, se transforma em um tombo inesperado e dolorido quando se pisa nela — nem sempre dolorido, mas sempre assustador, evocando o choro e o desespero. Mesmo nesse momento, a amiga responsável pela armadilha está ali presente, competindo com as lágrimas quanto a quem se expressa em maior volume.

Uma vez encerrada a competição, as lágrimas se vão tão rápidas quanto vieram, e, no entanto, ela permanece conosco continuamente. Não precisando competir com mais ninguém, se equilibra, fornecendo apenas o necessário para o nosso conforto, segundo a finalidade para a qual existe. E existe bastante, em todos, sem discriminação de nacionalidade, raça, gênero, idade, comportamento ou preferência. Apenas existe e serve a todos de forma igualitária e despreconceituada.

No “leite nosso de cada dia”, ela nos fornece o potencial para uma ingestão agradável e a garantia de uma saúde e longevidade, que é o desejo de nossos pais. Na mãe lactante, ameniza com um conforto o próprio desconforto fazendo-o mais suportável e até agradável, muitas vezes. Não pode ser desvinculada desse ato de beleza materna mesmo quando o leite não provém da própria mãe, mas de um objeto feito de

um tal “plástico”, que só sabemos do que se trata quando nos tornamos adultos.

Na “sopa nossa de cada dia”, ela se arma como uma guerreira em defesa do seu próprio bebê. Avoluma-se, encorpa e ataca o possível calor que é interpretado como invasor a ser expulso. Em fração de segundos, consegue decifrar se o dito calor é ameno o suficiente para não mais ser visto como inoportuno e, se este for o caso, não tem a menor dificuldade de convertê-lo em amigo íntimo naquele mesmo instante. As pazes feitas, é o momento de mais uma vez atuar como a amiga e a consoladora de sempre. Naturalmente, estará alerta em outras situações semelhantes que exijam o mesmo grau de agilidade e defesa.

No “pão nosso de cada dia”, a ajuda que ela nos dispensa se torna cada vez mais importante. Não bastando nos ter acompanhado durante nossos primeiros anos de vida, agora torna agradável nossa existência, da adolescência à vida adulta, evitando que o viver seja apenas uma ação biológica, tornando-o um desfrute agradável e desejável. É daí em diante que percebemos que nosso relacionamento com ela evoluiu para um amadurecimento, até mesmo uma intimidade, que possibilita uma comunicação, uma amizade, um controle que, quando crianças, não tínhamos.

Nem por isso ela evita nos disciplinar e deixar claro que amizade não dá liberdade para abusos. Exigir dela uma quantidade de ajuda desnecessária pode nos deixar em maus lençóis e causar repreensões bastante severas: “O que você pensa que está fazendo? Não é mais uma criancinha! Controle-se! Vá com cuidado! Já estamos bem entendidos sobre

quais são os limites.” Certamente que, se dermos com os ombros a esse aviso, tudo o que poderia ser agradável torna-se um desespero sufocante, literalmente sufocante.

Se quando somos crianças ela nos protege, tal auxílio não para por aí. Já que temos uma necessidade humana de nos comunicarmos como parte fundamental de nossas vidas, a fim de definir nossas possibilidades de sucesso ou fracasso, usando para tanto a nossa fala, ela então surge como companheira prontamente disposta a conduzir-nos ao sucesso. E não importa se outras, semelhantes a ela, estejam atuando da mesma forma para com seus companheiros: ela fará seu papel “até a última gota”. Não desistirá. Não parará, mesmo que exaurida.

Às vezes os dias são quentes, noutras, muito frios. Há ainda as temperaturas amenas. Não importa o que a natureza externa apresente, ela irá adaptar-se para nos trazer o conforto do qual precisamos. Se muitas vezes excedeu seu volume, não teve intenção malévola, pois era apenas um cumprimento do seu dever quando todo o restante de nosso corpo estava enfermo. Um corpo quente, um corpo frio, um corpo saudável, um corpo doente — não importa. Foi também na enfermidade que ela se tornou indispensável para expulsar os inimigos que muitas vezes nos atacam por todos os lados.

Durante nosso sono, em uma cama, em uma rede, ou mesmo na areia de uma praia, embriagados, ou em um chão duro, na rua, ao relento, ali está ela. No travesseiro, a mancha que diz: “Você devia ter fechado a boca.” Não importa onde, ela sempre nos tratará com suas advertências e cobrará nossa obediência.

E lá vamos nós, acordando, e ela nos fazendo lembrar a infância, espalhada em nossa boca, queixo, rosto. Lavamos, enxugamos, nos livramos dela. Daí a pouco precisamos de sua companhia novamente para desfrutar de nosso delicioso café, quente, quando ela se arma e... já conhecemos o desfecho de tudo isso.

Há um momento na vida em que ela encontra uma amiga “semelhante” com a qual deseja compartilhar a existência. Não que não tenha tido tal oportunidade antes, pois encontrou-se com outras da mesma natureza com mais frequência do que se possa contar. Podemos nos referir a um instante em que sua finalidade assume uma significância outrora totalmente inaceitável, mas que, agora, parece mais que desejada, estritamente necessária, de fato, em um beijo. Compartilhar essa existência revelará sentimentos e infinitas possibilidades experimentadas pelos seres detentores dessas amizades desde que o mundo é mundo. Em muitos casos haverá outros encontros com tantas outras semelhantes e, em casos mais raros, com uma tão compatível que as unirá por toda a vida.

Ela, ela, ela. Dizem que não é propriedade apenas de nós do gênero humano, que está também entre as criaturas que chamamos de inferiores. Nos cães, gatos, bois etc. Até a lesma utilizaria uma forma dela para desenhar seu caminho como quem tem a pretensão de ser uma artista. No chão, lentamente escreve *lesma*, sem o ponto final, que seria fácil inserir apenas por dar uma “paradinha”. Existem, no entanto, os que questionam e dizem que o “rastro” é de outra natureza, porém, para uma criança, é a mesma coisa, vinda de um “bicho” diferente.

Não podemos deixar de lembrar que ela deu nomes a tantos outros seres que nem mesmo pertencem ao seu mundo. Os vegetais que o digam. E que lhe pague com juros, especialmente o Senhor Quiabo. E além disso, que o pagamento seja feito com o dinheiro que também foi apelidado com o nome dela.

E o que dizer da tal da inveja? Esta sim, é um mal que acompanha os seres humanos e os faz agir de modo contraditório a toda a trajetória complexa e difícil que os leva à sobrevivência. Sendo que todos nós expressamos esse defeito em maior ou menor grau, parece ser natural que ela também tenha se tornado relacionada com a referida manifestação de nossas personalidades.

Um belo dia, quando nossos olhos começam a nos trair, nossas pernas a vacilar, nosso corpo a não obedecer às nossas intenções — se é que ainda temos consciência dessas — e somos acometidos pela velhice inevitável, nosso controle sobre ela começa a se desvanecer. Nosso “contrato” de ajuda mútua começa a perder a validade. Ela passa a tomar suas próprias decisões quanto ao rumo que deseja ir, e geralmente vai para baixo. Um esforço da nossa parte para conter seu avanço às vezes funciona, outras vezes, não.

Finalmente, quando a vida finda, vemos a possibilidade de nos separarmos dela. E mesmo naquele último instante de existência, deitados, mortos, uma pequena parte dela estará ali, se despedindo e esperando que tenhamos reconhecido sua utilidade e agradecido pelos seus prestimosos serviços:

— Obrigado, Baba — diríamos.

— Baba, não. Para você, eu sou a Saliva.

Após todo esse turbilhão de pensamentos eu ainda estava ali, olhando minha pequena recém-nascida. Admirando-a...

...e babando.



CONTO 5

INIMIGOS

A cada dia que se passava a inimizade entre os dois vizinhos se intensificava. Embora não soubessem praticamente nada um sobre o outro, parecia que os sentimentos de desconfiança, repúdio, indiferença cautelosa e até ódio eram tão antigos quanto o mundo. Era como se tivessem travado antigas batalhas mortais com perdas irreparáveis para ambos os lados.

Um dos vizinhos acordava pela manhã com tanta energia que parecia ter um pacto com o Sol, que despontava logo cedo. Possuía força e agilidades invejáveis e uma habilidade incomum para lidar com as pessoas ao seu redor. Tinha grande facilidade de fazer novos amigos e manter os antigos. Era alegre e saudável, além de muito belo de aparência. Um conquistador.

O outro, ao contrário, desenvolvia suas principais atividades durante a noite e o amanhecer era cansativo e muito pouco atraente. Devido ao cansaço do trabalho noturno, era compreensível que o seu dia parecesse longo e com muitos momentos alternados de sonolência. Ele era de poucos amigos, mas, ainda assim, amado pelos que o tinham como tal. Não esbanjava beleza, nem feiura. Viveria muito feliz se não fosse pelo fato de ter que se encontrar diariamente com o tal vizinho indesejado.

Em uma cidade tão grande, com tantas pessoas, por que morar tão perto de alguém tão oposto? Por que ter de dividir o mesmo pedaço de chão, em um planeta tão imenso? Difícil de entender. No entanto, era assim que ambos estavam: morando um em frente ao outro. Este, oposto daquele. Inimigos!

Dizem que o tempo se encarrega de resolver todas as coisas, porém, parecia que não era possível esperar pelo tempo. Então, se ver o vizinho todos os dias, no mesmo lugar, nos mesmos horários, estava se tornando uma tortura imensa, a solução, contrária à do tempo, seria forçar a amizade para tornar a convivência mais suportável. Parecia ser essa a melhor e mais prática atitude para promover a paz tanto para si mesmos quanto para suas famílias.

Primeiro, um deles tomou a iniciativa de fazer um contato amigável. Uma aproximação física, um cumprimento, que julgava ser apropriado. E a reação do outro? Fria. Não! Mais do que isso! Gélida. Um olhar suspeito, uma postura ameaçadora... pronto! Fim da primeira tentativa. O pacificador saiu decepcionado e extremamente aborrecido, além do sentimento de humilhação que, na primeira oportunidade, seria usado como justificativa para retaliação. Entretanto, não houve retaliações, e outras investidas aconteceram com insucessos semelhantes. Parece que o tempo estava tentando vencer a competição e, até aquele momento, ganhava.

Nos instantes de lucidez, um deles preferiu pensar o quão satisfatória era a vida que já possuía no conforto do lar, em vez de remoer a inimizade. Em casa havia crianças, um papagaio que não parava de falar, marido e esposa que o tratavam com carinho e ao mesmo tempo com firmeza. Alimento de

qualidade todos os dias e momentos aprazíveis de exercícios e descanso também estavam disponíveis. Uma vida que se pediu a Deus, ou que se ganhou, mesmo sem ter pedido.

Semelhantemente, o outro vizinho possuía suas felicidades e contentamentos. A casa, porém, era de poucos moradores, ele e mais um. Viviam cada um do seu jeito, com encontros restritos ao primeiro horário da noite, quando estavam em casa ao mesmo tempo. Um abraço, uma carícia, um cuidado, um beijo, enfim, amor. Então tudo estava em seu devido lugar e nada mais seria necessário para que os dias passassem sem maiores preocupações. A não ser... o vizinho.

Entre eles, o perigo muitas vezes parecia real ou imaginário. Ainda que fosse imaginário, poderia transformar-se em real a qualquer momento, o que os levava a crer que a prudência era sempre muito bem-vinda. E por que não o seria, diante daqueles olhos suspeitos que insistiam em mirar um ao outro sempre que se encontravam? Olhos que vigiavam qualquer ação, emoção, ou mesmo um simples movimento do corpo. Olhos que espreitavam até mesmo uma possível rota de fuga, se o confronto fosse realmente necessário. Os olhos eram seus grandes amigos. Mais do que isso, seus melhores protetores.

Um fator que incomodava, e muito, esses dois vizinhos era o fato de seus familiares se darem tão bem que chegavam a parecer uma única família. Como isso poderia ser possível? Será que não percebiam que essa amizade familiar era inaceitável e que isso os obrigava a encontros e envolvimento extremamente indesejáveis? E que necessidade havia de tal relacionamento tendo tantos outros vizinhos ao redor com

quem poderiam livremente, e sem transtornos, desfrutarem de uma feliz convivência? Ficava evidente que a inimizade era peculiaridade apenas dos dois rancorosos.

Ficar em casa o dia inteiro era muito tedioso para ambos. Precisavam esticar as pernas, espaiar-se, distraírem-se. A caminhada diária com alguém da família corria tranquila até se encontrarem e, mesmo que nem uma única palavra fosse dita — e nem precisava —, sabia-se que o desconforto seria um fato consumado. Por um momento, um olhar, um movimento qualquer, uma agressão poderia acontecer e dificilmente alguém impediria. Controlar os impulsos, entender as regras do bem viver, e saber que o encontro sempre ocorria de modo breve trazia a esperança de que aquele instante ficaria no passado, como em tantas outras ocasiões. Ainda bem.

Como coisas inesperadas acontecem, algo quebrou a rotina dos inimigos. Um dos vizinhos não apareceu na rua, como diariamente fazia. Nem pela manhã, nem a tarde. Nem à noite! Estranho. A curiosidade tomou conta daquele que observava o desaparecimento do “inimigo”. Teria ido à casa de algum parente e ficado por lá? Teria sofrido um acidente e estaria em tratamento? Ou, melhor, ...teria morrido? “Tomara que sim”, pensou. A alegria durou pouco, naturalmente, pois no segundo dia lá estavam os dois novamente no mesmo planeta. Encontros diários, ameaças diárias, temores diários.

Os dias passavam lentamente e as noites só representavam um intervalo ínfimo de tempo para aqueles dois vizinhos. As expectativas de novidades variavam muito pouco entre o nascer e o pôr do sol. Uma brincadeira dentro de casa, um passeio com a família, uma corrida pela rua — e

um cuidado com isso. No mais, preguiça e tédio. Tédio das horas, da rotina, das mesmices, do tempo, de tudo. E os meses? Indiferentes aos sentimentos dos dois vizinhos, não avançavam um segundo sequer, se desconsiderarmos um dia a mais ou a menos de fevereiro. Já os anos... estes sim, eram, de fato, excessivamente longos e cansativos.

O vizinho diurno poderia atribuir suas inquietudes, em relação ao comportamento do outro, talvez sendo justificadas por sua própria origem estrangeira, canadense, que lhe daria uma cultura diferenciada e particular. Ao mesmo tempo não se poderia justificar o choque de personalidades simplesmente por esse fato isolado, já que tantos outros, de descendência igualmente diferente, poderiam conviver pacificamente. Havia algo mais, algo além de uma simples explicação.

Já o vizinho noturno era puramente brasileiro, e nisso não via nenhuma desvantagem, nem vantagem. Era-lhe algo indiferente. Entretanto, qualquer observador, mesmo os menos atentos, não perderia a oportunidade de caracterizar suas atitudes como muito peculiares ao famoso “jeitinho brasileiro”. Sem tomar consciência da internacionalidade de seu inimigo, possuía menos opções de uma explicação razoável para as desavenças que entre ambos existiam.

Em toda essa confusão de sentimentos mais de dez anos se passaram, desde quando se encontraram pela primeira vez. Uma década tinha um significado especial para eles, visto que representava uma parte considerável da existência de ambos. Cada janeiro que se passava imprimia as marcas do tempo e os fazia repensar suas atitudes e os induzia a deixar os males no passado, no fundo de um baú qualquer. De certa forma já

havia conseguido fazer isso por evitarem por tanto tempo qualquer prática de agressão física, embora os impulsos a desejassem com fervor, e mantivessem um comportamento dito civilizado. As famílias agradeciam.

Com o tempo, a velhice chegou. Os pelos gastos, as unhas torcidas, os medos minimizados. Um dia, os dois vizinhos inimigos se aproximaram e se tocaram. Não houve briga. Os olhos se miraram sem medo nem ameaças e se deitaram, unidos, sob aquele sol da manhã, em um canto da calçada. Os corpos estavam juntos e se aqueceram enquanto a respiração lhes dava uma certeza de que ambos ainda estavam vivos. Ainda estavam ali. Ainda estavam juntos. Ainda eram vizinhos. Ainda eram o que sempre foram: um gato vira-latas e um cachorro labrador.

“ Parecia-lhes que seria
mais um caso daqueles,
em suas vidas, em que se vê uma
pessoa com certa frequência,
sem saber nada
ou quase nada sobre ela,
por anos. ”



CONTO 6

ELA E ELE

Ela trabalhava como caixa em um supermercado no centro da cidade. Pegava o ônibus às 7h. Meia hora depois já começava a atender os primeiros clientes, com a mesma simpatia, destreza e prestatividade que lhe eram típicas. Preferia ter sido professora, um sonho de infância interrompido pela necessidade de começar a trabalhar muito jovem e não ter tido tempo suficiente para se qualificar.

Ele se dirigia diariamente ao escritório de Contabilidade em que estagiava há três meses. Pegava o mesmo ônibus que ela. Durante o trajeto preferia ficar em pé, acreditando que isso o manteria mais desperto para as atividades do trabalho. Estava feliz com sua profissão pois sempre pensou em atuar na área das Ciências Exatas. Aos vinte e dois anos de idade, sentia que tudo estava indo como planejado. Além disso, tinha um motivo adicional para satisfação. O escritório começaria a funcionar em um prédio novo, a cerca de quatro quarteirões do local anterior. Ambiente novo, vida nova.

Ela descia em uma parada próxima do seu local de trabalho e percorria o trecho restante a pé, passando por uma ou outra pessoa que, ocasionalmente, cruzava seu caminho. Um certo dia, porém, ao descer do ônibus, percebeu que um passageiro também o fizera. Ele caminhava a certa distância, não muito longe, possibilitando que ela ouvisse seus passos constantes. Ela sentiu alguma apreensão, pois a rua estava

deserta. Pensou em olhar para trás, disfarçadamente, mas deteve-se. Preferiu dar atenção apenas aos sons das passadas que ele produzia, na tentativa de avaliar se havia uma aproximação, distanciamento ou manutenção do ritmo. Sabia que o normal seria se sentir segura por ter uma companhia naquele local e horário, porém, o mundo não é sempre seguro. É, na verdade, o contrário disso. Sua desconfiança e apreensão só diminuíram quando notou que seu “seguidor” dobrou em uma esquina, indo em direção a uma outra rua. A apreensão passou.

No dia seguinte, novamente o mesmo ônibus, no mesmo horário, a mesma ela, o mesmo ele. Ela desceu, andou, temeu, não olhou para trás. Desta vez ele também a observou. Olhou seu caminhado e o toque-toque dos sapatos que pareciam desconfortáveis. E foi apenas isso. Ele dobrou novamente a esquina seguindo para o trabalho, enquanto ela continuou até seu destino.

Ao terceiro dia, ela entrou no ônibus já com planos feitos para tentar descobrir quem era o seu "sombra". Durante o trajeto, olhava para os demais passageiros na tentativa de saber quem a acompanhava diariamente. Não deu certo. Percebeu que seria preciso esperar até o momento de descer. E assim se deu. Quando ela ergueu a mão para solicitar parada, ele o fez primeiro. Enfim, ele estava identificado!

Ambos desceram e, ao atravessarem a rua, ele correu sem que houvesse real necessidade, pois não havia trânsito que justificasse a pressa. Para ele foi apenas um ato de vantagem estar à frente dela, desta vez, e não atrás. Para ela foi bom, relaxante. As primeiras apreensões davam lugar a al-

guma tranquilidade e despreocupação. Agora era ela quem o olhava, enquanto ele andava a passos largos em direção à esquina da separação. E quando ele tomou a rua de costume, ela pôde diminuir o passo para ver qual o local em que o estranho trabalhava. Não deu certo. A distância não permitiu.

Os dias se passaram e ela mantinha sua rotina. Assumia seu caixa das 7h30 às 11h30 e, em seguida, passava a um intervalo. Retomava às 14h e continuava até às 18h. Daí, dirigia-se ao curso de Enfermagem que nem sabia o porquê de tê-lo iniciado. Foi por impulso que se matriculou, seguindo duas colegas que a convenceram argumentando sobre a importância daquele diploma e que era a "profissão do momento". E poderia ser, mas ela ainda preferia ter se tornado mesmo uma professora.

Ele também se mantinha ocupado com a papelada que lhe foi designada, no escritório. Era algo com o qual se identificava. Procurava aprender o máximo e no menor tempo possível. Mantinha a rotina das oito horas trabalhadas e não reclamava de nada se o horário excedia. Quando lhe sobrava tempo, lia e relia as matérias pertinentes à sua formação e pensava nas mais diversas maneiras de aplicar o conhecimento adquirido. Naturalmente, de vez em quando, vinha a exaustão. Mas ele era jovem e vigoroso e dava sempre um jeito de se motivar para continuar "com todo o gás".

Passaram-se seis meses e o contato entre eles evoluiu apenas para um "bom dia" recíproco. Nada mais, exceto uma única vez em que ele fez um comentário qualquer sobre o clima. No ônibus, sempre ficavam a certa distância, sem que nenhuma iniciativa fosse tomada por nenhum deles. Tanto

um quanto o outro já haviam criado em suas mentes as personagens que supostamente equivaliam a si mesmos. Para ele, ela parecia ser solteira. Não usava alianças, era muito jovem para ser casada, fato que, por si só não lhe dava razão, visto que tantos se casam tão jovens. Além disso, havia notado as vezes em que ela mudara o penteado e a cor do cabelo. Pelas roupas, "bem compostas" — pensava ele —, parecia ser uma pessoa "comum".

Ela, de forma semelhante, não pôde deixar de criar uma imagem pessoal dele. Como não poderia deixar de ser, a falta de uma aliança, a roupa, o cabelo, o estar sozinho..., tudo foi analisado. Mas as mulheres não olham apenas o exterior. Também observam o sorriso, os modos, o som da voz naquele primeiro "bom dia" etc. Às vezes, ela esperava que algo mais acontecesse; no entanto, não tomaria a iniciativa nesse respeito. Estaria disposta a interagir e até já havia pensado em várias possibilidades sobre o que diria se ele puxasse alguma conversa. Ficou nisso.

O fato é que, mesmo sem palavras, aquela caminhada desde a parada de ônibus até o trabalho havia se tornado uma rotina na vida de ambos. A sensação de estar com uma pessoa desconhecida não existia mais. A anterior possibilidade de se sentir bem por ter alguém por perto em um perímetro possivelmente perigoso agora se tornava realidade. Embora andassem muitas vezes em lados opostos da rua, isso em nada divergia de quando andavam na mesma calçada. Parecia-lhes que seria mais um caso daqueles, em suas vidas, em que se vê uma pessoa com certa frequência, sem saber nada ou quase nada sobre ela, por anos. Entretanto, aconteceu algo que modificou todo aquele cenário.

— Alô — disse ela ao atender o celular. — Oi. Quem fala?
— continuou.

— Menina, é a Carla — identificou-se a amiga.

— Carla? — perguntou ela, distraída.

— Do curso.

— Ah, tá. E aí, tudo bem?

— Tudo. Vamos aproveitar o feriado pra assar uma carne na casa do Geovan. Tá dentro?

— E quem é Geovan?

— Um colega do meu marido. Gente boa. Vamos?

— Não sei...

— Vamos lá. A Tamires, a Dina, o João, o professor Lucas já confirmaram que irão. Será só nossa turma e alguns amigos do Geovan. Umás quinze pessoas.

— Vou trabalhar até meio-dia, no feriado.

— Não tem problema. Passo aí com meu marido e te levamos. Você vai gostar da galera.

— Então, tá.

— Fechado. Vou desligar, ainda falta ligar pra Vanessa e pro Carlinhos. Beijo!

— Beijos.

E o dia do churrasco chegou. Os amigos convidados estava ali, juntos e felizes. Um pouco atrasada, mas nem tanto, ela chegou com a amiga Carla, que começou a apresentá-la para

os presentes. Um deles a olhava sem acreditar na coincidência. Era ele! Quando ela o viu, foi tomada por igual espanto.

— Prazer. Lara — disse ela, com um sorriso tímido, ainda admirada com a coincidência.

— Então, é Lara! Prazer também. Sou o Sérgio.

— Mundo pequeno, hein, Sérgio?

— É... Ainda bem!

“ O vento frio surrava-lhe o corpo e fazia com que sentisse arrepios involuntários, e isso, analisado de um ponto de vista positivo, mantinha-o desperto. ”



CONTO 7

CAVALO AMARELO

O guerreiro se levantou cedo, como sempre havia feito nos últimos seis anos, não menos disposto, não menos contente, sem muitos sonhos nem pesadelos. Apenas mais um dia de guerra, de feroz batalha, que exigia dele força física e mental destinadas aos desafios que toda guerra traz. Um banho gelado e um café amargo bastavam para começar a luta.

Mas um guerreiro não pode ir à batalha sem sua armadura. Os pés eram protegidos com uma bota de couro legítimo, nada de imitações, para resistir ao tempo e ao desgaste. Calor, frio, chuva, lama, tudo ao mesmo tempo ou separado tinha de ser suportado pelos dois pares de sapatos bem escolhidos e recomendados por outros amigos guerreiros. A calça não chegava a ser do mesmo material, mas aproximava-se muito do couro, já que foi confeccionada grossa e resistente. Era de cor escura, sempre, para esconder as manchas de poeira e lama que inevitavelmente deixavam suas marcas.

A camisa era como uma couraça de malha que protegia o corpo, ora contra o frio, pela manhã, ora contra o calor intenso do sol, no pico do meio-dia. Resistente também, ela fazia par com as luvas, de meio dedo, que se ajustavam tão uniformemente que, de longe, pareciam ser uma só. Além disso, o capacete, talvez a peça mais prezada e fundamental para a batalha, estava à mão. Não era uma peça solitária, tinha um companheiro, igualmente resistente e bem cuidado, um

outro capacete, que seria usado por qualquer um que estivesse aos cuidados do guerreiro em sua garupa. Porém, algo mais estava envolvido nessa cena que se repetia diariamente.

Fora de casa, esperando por ele, repousava seu belo “cavalo” amarelo. Rijo, novo, testado e aprovado. Havia sido adquirido recentemente, depois de três anos economizando dinheiro, com grandes sacrifícios. A cor, no momento da aquisição, era outra. Entretanto, foi necessário alterá-la para se adequar melhor ao estilo exigido no campo de batalha. Veio substituir o garanhão anterior, já que aquele havia rendido o que pôde e até mais do que devia, sendo passado adiante com algum apego e até saudade. A realidade, entretanto, direcionou a mente para o que é prático e sufocou os sentimentos e as paixões.

— Ficou linda! — exclamou Antenor, olhando para sua novíssima motocicleta, agora amarela.

— Guerreira, está na hora de irmos à luta!

Antenor deu a partida, elétrica, diferente da anterior, e isso já era motivo de alegria. Acelerou seu garanhão e partiu rumo à sua jornada. O vento frio surrava-lhe o corpo e fazia com que sentisse arrepios involuntários, e isso, analisado de um ponto de vista positivo, o mantinha desperto. E ele precisava se manter assim, já que sua primeira missão do dia envolvia levar à escola o jovem Tiago, que não morava longe. Era a caminho do ponto de mototáxi no qual Antenor costumava ficar. Com o pai de Tiago, o contrato era mensal e Antenor tinha nisso um valor garantido para as despesas ocasionais do seu veículo.

— Bom dia, seu Antenor — cumprimentou Tiago.

— Bom dia, Tiago. Dormiu bem?

Tiago nem sempre respondia. Acordava como quem não dormia há mil anos e com um mau humor que só poderia ser explicado por estar passando pela adolescência. Se não fosse o pai ou a mãe para acordá-lo perderia o horário da escola. Quando Antenor percebia, durante o trajeto, que o corpo de Tiago pendia para a direita ou esquerda, sabia que o sono dominava o passageiro e era preciso despertá-lo. Houve ocasiões em que Antenor imaginou tê-lo ouvido roncar, com a moto em pleno movimento. Algo fácil de entender para o guerreiro que havia passado pela mesma fase quando jovem.

Uma vez cumprida a missão parcial em relação ao seu primeiro passageiro do dia, Antenor se dirigiu ao ponto em que havia conseguido uma vaga junto à Cooperativa. Aquele era um local muito familiar para ele, visto que já convivia há algum tempo com os colegas da mesma profissão. No entanto, a cada ano que se passava, a quantidade de concorrentes crescia e o revezamento para conduzir os passageiros ficava ainda mais demorado. Naturalmente o faturamento ficava prejudicado, obrigando Antenor, nos dias de menor movimento, a sair do ponto em que costumava ficar e circular em busca de mais clientes. Em geral, conseguia bons resultados, quando a chuva não atrapalhava, é claro.

Na batalha do dia a dia, não faltavam oportunidades de aprender sobre as pessoas que transportava e seus comportamentos. Alguns dos passageiros estavam fidelizados e lhe davam preferência quando precisavam se locomover. Havia entre eles jovens, como Tiago; pesados, como Emanuel, o

borracheiro; incógnitos, como Tácia, que sempre, ao lhe telefonar, estava chorando, e durante o trajeto inteiro brigava com alguém ao telefone, xingando e esbravejando; falantes, como Lino, um professor de Português que não parava de falar e ainda exigia a interação do interlocutor, apesar de todo o barulho do trânsito tornar o diálogo praticamente impossível.

Somando todas as dificuldades de lidar com os diferentes perfis dos passageiros, elas não se comparavam a um tipo específico: o embriagado. Para Antenor a confusão começava na tentativa de comunicação em que o “caríssimo” cliente sequer conseguia explicar qual seria o seu destino. Antenor ouvia atentamente e dava sugestões, pois conhecia muito bem a cidade, ajudando no que fosse preciso até chegarem a uma conclusão do trajeto. Às vezes a dificuldade era tão grande que ele sentia vontade de deixar o sujeito ali, falando sozinho, ficando sozinho, embriagado, como o havia encontrado. Mas não poderia fazê-lo, porque possuía habilidade, experiência e até empatia pela situação. Seu pai foi alcoólatra por muitos anos e isso lhe causou uma impressão permanente.

A confusão continuava quando, finalmente, o sujeito bêbado chegava ao seu destino. Que destino? Nenhum. O endereço estava errado. Muitas vezes nem chegava próximo do correto. Para essa situação, restava a opção de usar os contatos no telefone do cliente na tentativa de localizar um “filho de Deus” que pudesse ajudar a resolver a situação do “perdido”. Na maioria das vezes, funcionava.

Infelizmente, Antenor também precisava contornar alguns aspectos bastante delicados em sua profissão. Em cer-

tos casos, coragem e determinação eram fundamentais para manter a integridade moral com a qual havia sido criado e que costumava atribuir à sua falecida mãe:

— O alheio reclama seu dono; onde encontrar algo, deixe lá; o que vem muito fácil, mais fácil ainda se vai... — e tantos outros adágios semelhantes.

Acatando esses conselhos, por obediência ou por índole própria, ele procurava sempre "andar nos trilhos", na medida do possível. Foi por esse motivo que precisou de sabedoria ao lidar com Armindo, um colega de profissão, que lhe propôs fazer algumas "entregas especiais" para "clientes especiais" e que ajudariam a ganhar uma grana extra. E parecia que a oferta era verdadeira já que o conhecido estava sempre de veículo novo e não se mostrava preocupado nenhum pouco com ter dinheiro ou não.

Antenor ficou curioso com a proposta que recebeu. Poderia ter sido feita a outros colegas com os quais Armindo tinha maior intimidade. Por que ele? Será que se comportou de tal forma a dar a entender que seria uma pessoa passiva de aceitar o trabalho proposto? Ou teria alguma outra intenção por trás da coisa toda? Não havendo condições de obter resposta por si mesmo naquele momento, perguntou ao colega, com certa irritação:

— Por que acha que eu me interessaria por isso?

— Não tem nada de mais. É coisa segura. É só pra uma molecada que curte. Nada de grave. Eles pagam bem e você é um cara discreto, dá pra coisa — argumentou Armindo.

— Estou fora! Esse negócio não tem nada de seguro. Uma hora a casa cai e, como dizia minha mãe: “A corda só quebra do lado mais fraco”. — Mais uma vez, a mãe.

— Rapaz, estou falando que é tranquilo...

— Nem...! De jeito nenhum. E me dê licença, que já vou indo. — E assim fez. Após esse incidente, entre Antenor e Armino houve uma redução do contato, que já não era grande coisa, mas daquele dia em diante os diálogos se restringiram ao cumprimento ou a algo relacionado estritamente com os interesses coletivos da classe dos mototaxistas.

Para Antenor, a vida continuou. Dia após dia, o cavaleiro do cavalo amarelo enfrentava o mundo, ainda que o seu fosse pequeno, com força de vontade constante, por necessidade ou por vontade, sem parar, enfraquecer ou diminuir o passo e, acima de tudo, sem se distrair, pois, o sustento dependia disso. Dependia também do pagamento que recebia do pai de Tiago. Por isso, finalizava o trabalho do dia conduzindo o jovem de volta para casa, com o diálogo quase unilateral:

— Boa tarde, seu Antenor.

— Boa, Tiago. Aula “puxada”?

— É.

Chegando em casa, Antenor encontrou a esposa, sentada, cansada, com os pés inchados. Estava grávida. Teriam seu primeiro bebê. Ele a beijou e se abaixou para falar com a criaturazinha que viria ao mundo.

Naquele momento sentiu que a guerra valia a pena e que o caos lá fora... ficou lá fora. E lá ficou também o cavalo

amarelo, em repouso, quase em silêncio, apenas com o calor do motor provocando pequenos estalos que, após algumas horas, também se silenciariam.



CONTO 8

¡BUENOS DÍAS!

Era manhã no Condomínio Village e os moradores começaram a se levantar para suas atividades do esperado feriado semanal, o domingo. Para alguns, era um dia de descanso, para outros, a oportunidade de extravasar suas energias na área de lazer. Havia aqueles, porém, que estavam com a mente e o corpo totalmente comprometidos com a cerveja e a carne assada, situação que havia começado anteriormente, desde sexta-feira.

A área de lazer estava no repouso do dia anterior. As cadeiras cansadas, desordenadas, sabiam que trabalhariam mais uma vez. A churrasqueira esperava pacientemente pela disputa que fariam dela: dois vizinhos, procurando ser amigos, dividiriam o espaço ao meio, cada um com uma parte da grelha. Os que ficassem de fora da disputa improvisariam suas próprias churrasqueiras, pequenas e portáteis, para combaterem a inveja dos dois primeiros que ficariam com a churrasqueira maior.

Quanto às piscinas, a água já não estava tão azulada quanto antes. Um verde, ainda que tímido, começava a se manifestar e os que percebiam o fenômeno sabiam que na segunda-feira, por ocasião da visita do piscineiro, tudo ficaria novamente azul. Além do mais, os principais usuários das piscinas, tanto a infantil quanto a adulta, eram os menos preocupados com o vaivém das cores da água.

O pátio ao redor da área de lazer estava limpo, já que a ordem passada a todos os condôminos era que cada um deveria fazer sua própria limpeza no espaço que utilizou. Salvo algumas exceções, a maioria dos moradores respeitava as regras de higienização. Aos que não o fizessem, confronto com os vizinhos e abordagem do síndico. No mais, tudo estava preparado para mais um dia de diversão e relaxamento.

Às 9h os primeiros moradores começaram a afluir para a área de lazer, uns mais dispostos e outros nem tanto. Os meninos e meninas, como sempre, eram os mais elétricos e viam o voltar à piscina apenas como extensão do dia anterior, quando já haviam passado o dia inteiro “assando” a própria pele, sob os gritos e recomendações dos pais para que pasassem o protetor solar. Com os olhos ainda vermelhos como fogo acendido pelo cloro, só queriam se divertir novamente.

Aos poucos foram chegando mais e mais pessoas. Logo, já havia uma quantidade suficiente para que o clima festivo começasse a reinar. O cheiro de carne assada dominava o ar misturando-se a outros odores de comidas diversas. Em cada canto do ambiente pequenos grupos familiares se formavam com suas alegres risadas, piadas, fuxicos e músicas com seus sons misturados, segundo as preferências individuais.

Tudo parecia correr como em qualquer outro dia de farra, exceto pelo que aconteceu assim que uma família desconhecida dos demais moradores chegou na área de lazer: pai e mãe de estatura mediana e um pequeno de dez anos e sua irmãzinha de seis. Mudaram-se para aquela pequena "cidade" no dia anterior. Traziam seus corpos brancos a tal ponto que faziam o Sol sorrir de alegria por ter quatro peles novas para

transformar em vermelhas como pimenta. Traziam também seus alimentos, boias em forma de pato gigante e sorrisos largos. Passavam pelos vizinhos, cumprimentando-os, até encontrarem uma mesa disponível:

— *iBuenos días! Buenos días!*

E o "*buenos días*" ficou pelo caminho atiçando a curiosidade dos que ouviram o cumprimento, dando início ao processo de especulação. Cada um tentando acertar a origem dos novos vizinhos. "São argentinos, chilenos", diziam uns. Já outros se aventuravam em opinar por "uruguaio, paraguaio" etc. Para a maioria dos ali presentes, todos os demais habitantes da América Latina que não fossem brasileiros fariam "*buenos días*". Não havia dificuldade de saber que os desconhecidos falavam a língua espanhola. Mas isso não foi suficiente.

— Venezuelanos — afirmou Aroldo. — Já assisti um monte de filmes de lá. Falam exatamente assim.

— Negativo — discordou Vânia, sua esposa. — Estão mais para chilenos. Já têm vários deles morando aqui no Brasil.

— Só não podem ser argentinos, se forem, vou colocá-los para fora do condomínio — brincou Cícero, nacionalista de coração, enquanto todos sorriam da piada.

Na mesa do outro lado da área de lazer, a primeira pela qual passaram os "gringos", a conversa não era diferente. Várias sugestões foram dadas para se tentar descobrir a origem dos novatos.

— Se colocarem uma música, descubro de onde são — argumentou um.

— Desde quando uma música vai ajudar a saber de onde vem o espanhol deles? — retrucou o outro.

— E quem disse que eles falam espanhol? — mais um tentou argumentar.

— Oh, Inteligente! "*Buenos días*" é, por acaso, em Inglês? — E gargalhadas rolaram.

O fato é que quase todos opinaram e a coisa correu de boca em boca sem que chegassem a nenhuma conclusão sobre a origem dos estrangeiros. Houve até mesmo aqueles que inventaram pretextos só para poderem passar próximo à mesa da família dos supostos chilenos/uruguaios/paraguaios/argentinos/venezuelanos, para tentarem "pescar" alguma pista que sanasse todas aquelas dúvidas. Mas não conseguiram.

Depois das muitas tentativas frustradas de investigação, a atenção mudou de foco. Agora já se falava das roupas e suas cores, dos cabelos da mãe de família, do marido "baixo" e magro, da agitação dos dois filhos do casal, e até do jeito como comiam, como se fossem alienígenas. Todos os detalhes eram vistos e analisados pelos moradores "brasileiros" como se estes fossem verdadeiros especialistas em Cultura. Mas a grande maioria provavelmente não conhecia nem mesmo a sua própria cultura, muito menos a dos países vizinhos.

Foi então que o Jorginho, menino esperto, de nove anos, todo entrosado, chegou-se à sua mãe, depois de ter ouvido o zum-zum-zum de todos sobre os desconhecidos, e descarregou:

— Eles são chilenos e falam o Espanhol. Mudaram-se para cá ontem. O pai se chama Miguel, a mãe é Tereza, e os meninos são Vitor e Laura.

— Quem te disse isso, Jorginho? — perguntou a mãe, com um olhar desconfiado de que seria mais um fruto da imaginação do filho.

— Ora. Eu perguntei, e o Vitor me contou.

Assim, o problema todo foi resolvido pela ação ingênua e eficiente de Jorge: na sua idade, ainda não havia sido contagiado pelos preconceitos, cautelas, formalismos ou suspeitas peculiares aos seres humanos adultos.



CONTO 9

O REINO DOS CABELOS

Havia cabelos por todos os lados. As tonalidades e texturas se combinavam perfeitamente. E não era de se admirar pois as donas originais dos fios faziam parte de uma mesma espécie, de uma mesma família, geneticamente alinhadas. A mãe, duas filhas e o pai, cujo cabelo nem de perto competia com a demanda feminina.

O tal pai já contava com seus quarenta e seis anos de vida e luta, com o tempo passado claramente evidenciado pela batalha entre os antigos cabelos pretos e os atuais, brancos. Como havia fatores genéticos envolvidos, a calvície tendia a dominar o contorno do couro cabeludo e lançava fora de seu habitat os tão preciosos cabelos que ainda restavam. A solução encontrada foi manter o corte baixo para que houvesse um alinhamento de todos os fios, disfarçando a devastação capilar.

A mãe, dez anos mais jovem que o pai, e sem nenhum agravante genético ou fisiológico que impulsionasse a queda, via seus fios caírem de forma muito semelhante aos das demais mulheres do planeta, especialmente durante o pentear. As mais variadas cores já haviam percorrido os cabelos, bem como os cremes e as chapinhas. Tudo refletia os gostos, a moda, a combinação com as amigas para que todas tivessem um novo visual, ou a simples necessidade de mudar de ares... capilares.

A filha menor precisou de cuidados especiais quando foi diagnosticada com uma queda de cabelos excessiva. Uma vez feito o tratamento, a normalidade retornou. Seus cachinhos não se enrolavam nem se eriçavam, preferindo permanecer a meio-termo. Resistiam a ficarem compostos e exigiam um auxílio cremoso para se fixarem segundo o agrado do penteado escolhido.

E escolha do tal penteado também influenciava a terceira mulher da casa, a filha mais velha. Em um momento preferia o famoso rabo de cavalo, para trás, tradicionalmente, ou para um dos lados, como uma novidade. Seu volume de cabelo era generoso e exigia alguma habilidade para dominá-lo. Como as mãos de uma pequena de dez anos normalmente possuem limitações para manuseio, ela geralmente precisava do auxílio da mãe ou do pai quando queria um penteado mais rebuscado do que o usual.

O fato é que, diariamente, as mulheres daquela casa precisavam alinhar aqueles fios que representavam o adorno. Faziam-no muitas vezes de forma inconsciente e despreziosa. Já em outras ocasiões, com menos frequência, davam aos *capilli* um tratamento especial, nem sempre barato. Por isso, cada cabelo ao chão representava, olhando-se de um ponto de vista mais minucioso, alguns centavos que desapareciam.

Tanto cuidado, tanta labuta, tantos cabelos não poderiam passar despercebidos quanto a atiçar a curiosidade das meninas que, em certa ocasião, requereram do pai a explicação sobre a perda de tantos fios e, apesar disso, a persistência de tantos outros nascerem mais e mais.

— Quantos fios de cabelos temos na cabeça, papai? — indagou certa vez uma delas.

— Quantos? Ora, um monte. Muitos — respondeu o pai, com uma incerteza visível.

— Muitos, quantos? — insistiu a filha.

Ele não possuía uma resposta específica naquele momento, o que o levou a pesquisar sobre o assunto. Descobriu que a palavra “cabelo” vem do latim *capillus*; que há uma média de 150.000 fios em uma pessoa adulta; que eles crescem em média 1 centímetro por mês; que são isolantes térmicos, protegendo a cabeça dos raios solares; e que são indicadores de algumas doenças que se manifestam, alterando a forma dos fios. Naturalmente que, ao passar à filha essas informações, o pai o fez da forma mais simples possível, para transmitir não só o que pesquisara, mas também cumprir seu dever de bom educador. E ela ficou satisfeita.

E aqueles cabelos estavam na sala, criando desenhos no piso branco. Era possível atribuir-lhes as mais diversas interpretações. Um "o", um "s", os mais longos um "8". Havia até os que se transformavam em caracteres menos comuns, como um "&". E não era raro que dois fios pequenos, quando se encontravam, formassem um "x". Vale dizer, porém, que nenhum desses formatos era mais significativo do que o da letra "c". Sim, "c", de c-a-b-e-l-o — ao menos na língua portuguesa.

Na cozinha, não era diferente. Visto que todos tinham certas obrigações naquele ambiente da casa, cabelos femininos e masculinos estavam ali espalhados. É claro que as me-

ninas deixavam suas marcas capilares de forma inconsciente. Embora com seus 10 e 5 anos, respectivamente, já encaravam as temíveis louças, que eram lavadas e enxugadas por uma e guardadas com cuidado pela outra menina.

Um coçar na cabeça e um arranjar das mechas já era suficiente para que os fios finos descessem ao seu destino final, o chão. A mãe, ao cozinhar, completava o processo e, apesar do cuidado redobrado, não conseguia evitar que, de vez em quando, um intruso fio de cabelo aparecesse em um prato, para o desgosto de quem comia, havendo, é claro, uma desculpa:

— E daí? É só tirar. Não mata, não — argumentava a mãe em sua autodefesa.

Nos quartos, os cabelos estavam nos guarda-roupas, nos lençóis, fronhas e colchões. E, nestes últimos, não permitiam que o descanso ocorresse. Colavam-se nas costas e se recusavam a sair. Com o braço esquerdo para trás, a mãe tentava alcançar os inoportunos, sem conseguir. Valia-se então da mão direita e... nada. Apelava para o marido:

— Meu bem, tire esse cabelo, grudado aí!

— Pronto. Saiu.

Não escapava nem mesmo a área de serviço e o quintal. Afinal, as quatro cabeças também frequentavam aqueles ambientes e isso já era o bastante para o processo ocorrer ali. Além do mais, os cabelos possuíam um aliado, aliás, mais do que aliado, um amigo íntimo chamado Vento. Assim, onde não fosse possível chegarem sozinhos, o Vento dava aquela força motivadora para que o domínio do território fosse com-

pleto. E então, os cabelos continuavam a dominar sobre tudo e sobre todos.

A parte principal do Reino, porém, eram os banheiros. Naqueles ralos os cabelos se acumulavam e se incorporavam incomodando os olhares dos seus donos. Eram tantos e se avolumavam com tal frequência que pareciam brotar do chão, como ervas daninhas regadas diariamente. Na espuma se misturavam; no sabonete grudavam; pelo corpo desciam; e no ralo paravam. Estagnavam. Juntavam forças para não descerem esgoto afora.

A vassoura e o rodo atuavam como ajudantes incansáveis, mas não eram suficientes. Embora os cabelos grudassem na vassoura aos montes e fossem para o lixo, daí algumas horas depois estavam novamente tomando conta dos ambientes como que dizendo zombeteiramente: "Não adianta. Você nunca nos vencerá." E continuavam se multiplicando até a próxima varredura.

Apesar de todo o trabalho que os cabelos faziam render e de todas as inconveniências causadas por eles, ainda eram muito apreciados e cuidados. Eram lavados, hidratados e desclorificados após os banhos de piscina para se manterem belos. Todos esses manuseios e preocupações tornavam os cabelos os Senhores daquela casa e de tudo o mais que estivesse ligado a ela. De fato, sem concorrência no mesmo nível, eles dominavam todo aquele Reino.



CONTO 10

O SACO AZUL

Era mais um dia de trabalho para Ivanira. Ela acordou com a velha dor no tornozelo esquerdo, dor que se tornou sua companheira nos últimos dez anos dos quarenta e oito já vividos até aquela data.

O uniforme era novo e raro, porque a Prefeitura só os liberava uma vez por ano, sendo apenas duas camisas e duas calças para cada funcionário que trabalha na limpeza e manutenção do Cemitério Campo da Saudade. Ivanira se considerava “favorecida”, já que conseguia manter seu emprego mesmo com o troca-troca de prefeitos dos últimos vinte anos.

Seu trabalho de limpeza e organização do cemitério começava pela pequena sala que servia como escritório. Ali, limpava a mesa, as prateleiras onde a papelada das certidões de óbito era organizada e removia as teias de aranha nos cantos das paredes que eram anualmente pintadas e repintadas com cal. Além disso, também varria o chão diariamente, mas só o lavava na segunda-feira, exceto durante o inverno, quando tinha de lavar todos os dias devido ao entra e sai de pés carregados do barro vermelho que havia em todo o terreno ao redor.

Com Ivanira trabalhava o Leandro, um rapazinho com seus dezoito anos, colocado ali por um dos vereadores, por ser sobrinho daquele. Não era uma má pessoa, mas a preguiça lhe consumia e não raro era necessário que Ivanira o ajudasse

a cuidar do trabalho que era de responsabilidade dele. Ela, porém, fazia isso de bom grado, já que o conhecia desde menino, por ter sido vizinha da mãe de Leandro. Também havia a Raimunda e a Tainara, mãe e filha, que ajudavam na manutenção geral do local. Por fim, trabalhavam ali Teodoro e Amintas, destinados aos serviços mais pesados e que tinham a função oficial de coveiros.

Embora parecesse desumano contabilizar vidas perdidas, Ivanira precisava ficar atenta aos “ossos” do ofício. Sabia que durante a semana as coisas costumavam ser mais calmas e que, da sexta para a segunda, o movimento tendia a aumentar. Sendo a funcionária mais antiga, certificava-se de que ninguém faltasse ao serviço, em especial aos domingos, quando a quantidade de sepultamentos aumentava. Só não conseguia muito êxito com o Amintas, que, quando resolvia “encher a cara”, começava a beber na sexta-feira e terminava no domingo — ou na segunda —, não conseguindo trabalhar no dia seguinte. Já havia sido removido da função por três vezes e acabava voltando por falta de candidatos ao ofício. Além disso, quando sóbrio, trabalhava “feito um jumento”.

À medida que os anos se passaram, o cemitério se tornou cada vez “menor”. Onde antes havia um grande espaço e covas que ficavam abertas por dias a fio, no verão, esperando um novo defunto, agora haviam tumbas disputadas a tapas e influências. Os novos cemitérios públicos eram distantes e em estado de abandono total. Todos queriam um pedacinho de terreno no Campo da Saudade. E não era somente por causa da localização. Por ali já eram conhecidos não só os funcionários internos, mas também os que prestavam servi-

ços terceirizados, como a construção de túmulos dos mais diversos tipos, uns mais enfeitados, outros nem tanto, e os mais desejados: com gavetas. No caso desses últimos, dependendo da influência da família de um falecido, fechava-se o “pacote” completo, incluindo todos os serviços funerários.

Apenas a quantidade de funcionários do cemitério é que continuou a mesma por muito tempo. Ivanira, quando precisava de ajuda extra, pedia ao filho, Welton, que a auxiliasse no horário da tarde, já que ele estudava pela manhã. Welton sempre ia a contragosto, mas ia. Ajudava a mãe no que fosse preciso mesmo fazendo aquele corpo mole peculiar aos seus quatorze anos de idade, e só não se entediava mais por causa das histórias escabrosas sobre mortos que Teodoro contava e que ele adorava ouvir. Umas, mentira pura. Outras, meias verdades enfeitadas. Welton morria de rir das peripécias imaginárias criadas pelo coveiro e costumava replicá-las para seus colegas de escola sempre que podia. Além disso, tinha uma conversa sem fim com Tainara, o que demandava broncas constantes de Raimunda, na intenção de manter a filha protegida do “engraçadinho”.

E, como não poderia deixar de ser, Welton foi intimado pela mãe a auxiliá-la no dia em que haveria o maior movimento no cemitério naquele ano: 2 de novembro, Dia de Finados. Como se já não bastassem os sepultamentos corriqueiros, três corpos foram levados para o local naquela data. Um deles foi o resultado de uma briga de bar. O outro era de um indigente. O terceiro, era dona Escolástica, que esteve doente naqueles últimos anos, e agora descansava. Ela sempre foi prevenida, deixando sua mortalha pronta, pagando à vista a gaveta de

dois lugares, pensando nela e no marido, e já havia sepultado o filho do meio, vítima de um acidente de carro, e o marido, da mesma causa que ela — velhice.

Celma, filha mais velha de dona Escolástica, estava arrasada com a morte da mãe e um grande vazio dominava seu íntimo. Cuidou da pobre velhinha desde o dia em que ela se prostrou pela doença. Sua vida era a vida de sua mãe e o contrário era verdadeiro também. Agora ficaria sozinha e nem tinha noção do que fazer com seus dias, que, de tão longos, pareceriam anos. O irmão caçula nem apareceu no velório, pois há mais de quatro anos partira e mal dava notícias. Inconsolada, Celma tomava um chá atrás do outro e no trajeto de casa, funerária e cemitério, “berrava” com todos como se isso de algum modo fosse amenizar a sua dor. Daquele dia em diante sofreria com três datas anualmente: a da morte do irmão, do pai e da mãe, que coincidiu com o Dia de Finados.

Visto que perdeu o irmão prematuramente e logo em seguida o pai, Celma estava bem ciente dos processos necessários para funerais. Sempre foi dinâmica e mesmo naquela hora de luto não deixou de sê-lo. Já havia solicitado, no dia anterior, a retirada dos ossos do irmão para dar lugar ao corpo da mãe. Diante do pedido, Leandro tomou providências para que os ossos do morto anterior fossem devidamente recolhidos e armazenados:

— Recolha com cuidado, senhor Amintas. O senhor sabe como a dona Celma é nervosa.

— Estou banguela de fazer isso — respondeu Amintas, irritado, enquanto procurava um saco para armazenar os ossos.

— Aproveite e leve também os sacos de lixo para distribuir pelo local. Hoje será um dia daqueles! — orientou Leandro.

— Sacos reforçados só tem os azuis — lembrou Amintas, com mais uma de suas reclamações recorrentes.

— Use o saco azul para os ossos e os pretos para o lixo — concluiu Leandro.

Amintas, acatando as sugestões do rapaz, dirigiu-se à sepultura e, com a ajuda de Teodoro, separou os ossos do falecido irmão de Celma colocando-os no saco azul, posto em um canto da sepultura. Enquanto isso, os demais funcionários do cemitério já estavam tomando cabo de suas respectivas responsabilidades, inclusive da distribuição dos demais sacos por todo o local.

Enquanto isso, os visitantes começaram a chegar para prestar homenagens aos seus entes queridos falecidos. No portão, em pé e de braços cruzados para trás, Ivanira os esperava, mantendo um semblante calmo de quem estava ali para trabalhar e consolar. Ela sentia grande empatia pelos que chegavam porque também se lembrava dos seus parentes já falecidos. Embora não tivesse perdido ainda nenhum ente querido muito próximo, já sentia pena só em pensar na mãe e no pai, ambos em idade avançada. Sabia que a qualquer momento...

Depois de duas horas de portões abertos, o cemitério já estava lotado. O dia estava quente. O calor aumentava proporcionalmente ao número de pessoas, que só crescia. O cheiro forte de velas queimando dava ao ambiente uma

característica muito particular daquela ocasião, já que, com todas as casas da cidade usando energia elétrica, a utilização das velas para a maioria das pessoas estava agora restrita apenas àquele evento anual.

Uma rua estreita, principal, dividia o cemitério ao meio e a multidão acotovelava-se à medida que se dispersava para a esquerda ou para a direita nas vias transversais, todos tentando lembrar onde estavam as sepulturas de seus familiares ou amigos. Em meio a todo aquele furdúncio estavam os pedreiros, reconstruindo túmulos judiados pelo tempo, pintores caíndo outros e, lá fora, os vendedores de velas e coroas de flores, que aproveitavam o dia para “oferecerem um serviço necessário em uma hora tão difícil”, como dizia Antônio, que por trinta anos não perdia uma única oportunidade de vender suas velas, fósforos, água etc.

Por volta das dez horas chegou o cortejo que trazia o corpo da mãe de Celma. Notificada do caso, Ivanira dirigiu-se até o caixão, na entrada do cemitério, e consolou os familiares, brevemente. Em seguida, chamou Welton e pediu-lhe que avisasse ao Teodoro e ao Amintas que chegara a hora do sepultamento, permanecendo ela na companhia do cortejo. Welton percorreu rapidamente o trajeto até o jazigo de destino e percebeu, mesmo a alguma distância, uma discussão acirrada entre os dois coveiros. Chegando mais próximo pôde ouvir e entender o motivo do atrito...

—...eu falei para não mexer no saco azul — dizia Teodoro, visivelmente irritado.

— Já falei que não peguei em saco azul nenhum! — insistiu Amintas.

— Eu falei para não sair daqui até chegar o caixão.

— Só fui beber água. Foi só um minuto...

Enquanto a discussão continuava, Welton, sem ter tido ainda a oportunidade de dar o recado da mãe, já havia entendido o desastre ocorrido. Seu coração acelerou e a adrenalina correu-lhe o corpo e ele disparou: “A mãe pediu pra avisar que o corpo da defunta já chegou.” Um silêncio pairou sobre os três. Amintas, com as mãos na cintura, respirou fundo, abaixou a cabeça e condensou em uma única palavra a melhor descrição da situação em que se encontravam:

— Lascou-se!

Welton deixou ali os dois trapalhões e retornou às pressas ao encontro de Ivanira. Enquanto ela andava vagarosamente acompanhando os parentes que conduziam o caixão da mãe de Celma, ele relatou o ocorrido, com um só cochicho: “O saco azul sumiu”. Naquele momento, o cérebro de Ivanira ferveu. Pensou no saco de ossos, em Celma virando o cemitério de cabeça para baixo, no escândalo, na polícia... Então, afastou-se do cortejo, sorrateiramente, e foi ao encontro dos colegas de trabalho. Pediu a Welton que corresse até Leandro e o convocasse imediatamente para a “reunião extraordinária”. Local: sepultura 37.

O jovem foi o mais rápido que pôde e não sabia discernir os sentimentos que tomavam conta dele naquele momento. Por um lado, estava preocupado com um problema que não era seu, mas da mãe. Sabia da gravidade do assunto e ao mesmo tempo via a confusão como uma novidade que poderia, ou não, dependendo do desfecho, contar para todo mundo,

depois. Não conseguiu segurar o riso enquanto corria até o escritório do cemitério. Depois de ter dado o recado a Leandro ele localizou também Tainara e Raimunda para ajudarem na solução do sumiço do saco.

Quando finalmente todos os funcionários do cemitério estavam reunidos à beira do túmulo, a discussão sobre o destino do saco azul ficou cada vez mais acirrada. Para acalmar os ânimos, Ivanira resolver “dar uma de mãe” de todos e encurtou o blá-blá-blá convocando-os para uma busca imediata. Para ela a solução observaria os seguintes passos: o saco com os ossos era azul e todos os demais sacos de lixo no local eram pretos; havia passado apenas alguns minutos desde a última vez em que o saco fora visto, portanto, poderia ainda estar no perímetro do cemitério; se unissem forças conseguiriam encontrá-lo antes que a “dona” desse por falta dos valiosos ossos.

— Amintas, você fica aqui e espera a família chegar — orientou Ivanira.

— Está brincando! Ele é capaz de perder o saco de novo! — discordou Teodoro.

— Tudo bem, tudo bem. Então, Teodoro, você fica e Amintas vai para o lado esquerdo do cemitério, junto com Leandro. Raimunda e eu ficamos deste lado de cá, e o Welton e a Tainá vão para o portão de entrada.

— Tainá fica comigo — interferiu Raimunda.

— Os mais novos são mais rápidos, amiga. Conseguem chegar ao portão e dar uma olhada se alguém pegou o saco por engano — insistiu Ivanira.

Raimunda, mesmo discordando, permitiu que a filha fosse na missão que agora era de todos. Não o fez sem antes dar uma olhada ameaçadora para Welton, como quem dissesse: “Desta vez vai, mas eu estou de olho em você.” Tainá, percebendo o olhar de tigresa da mãe endereçado ao amigo, quase não conseguiu conter o riso. Assim, ao comando de Ivanira, os dois saíram às carreiras em direção ao portão. Com um comportamento peculiar de suas idades, não perderam a oportunidade de apostar uma corrida.

Ao chegarem ao portão, Welton e Tainá procuraram entre os visitantes que entravam e os que saíam algum vestígio do saco azul. Enquanto isso, os demais funcionários faziam o mesmo dentro do cemitério. Já Ivanira, junto com Teodoro, recebiam Celma e os demais familiares à beira da cova destinada à mãe. Ivanilde estava aflita ao extremo, e com razão, já que nenhuma notícia dos ossos chegava. Teodoro, um pouco antes, já havia sugerido encher um saco qualquer com pedras e fazê-lo passar pelos ossos do defunto. “Afinal”, dizia ele, “quem é que vai abrir para conferir o que tem dentro?”. Ivanira repreendeu-o só com um olhar extremamente reprovativo e com um “hum!” que deixava claro como a ideia era absurda. Porém, com o prosseguimento dos trâmites do sepultamento, a ideia do amigo começou a parecer a única solução viável para o momento.

Não demorou muito até que Welton, com os olhos secos e cansados de procurar em todo e qualquer canto, e já quase sem esperança, visse, de longe, entre vários sacos de lixo amontoados, pretos, na esquina de uma das ruas laterais do cemitério, uma “luz” para a situação. “É ele”, pensou. “É ele!”

gritou para Tainá, que foi ao seu encontro imediatamente e ambos se dirigiram ao achado para pegá-lo. Ficaram eufóricos ao descobrirem que tinham razão. Era mesmo o saco com os ossos do falecido!

— Como é que esse troço veio parar aqui, Tainá?

— Não sei... e não interessa... Vamos! Vamos!!

Os dois jovens pegaram o saco imediatamente e correram de volta ao interior do cemitério, sendo Tainá a condutora do tesouro. Não tinha medo e estava acostumada ao ambiente fúnebre onde sua mãe trabalhava. Além disso, ofereceu-se para a missão depois de uma breve discussão com Welton, em que foi vitoriosa com o simples argumento, válido ou não: “Quem deixou o saco se perder foi um homem ou uma mulher? Vocês são destrambelhados por natureza.” Welton, sem tempo para discutir, cedeu e simplesmente incentivou a amiga a apressar o passo.

Quando finalmente chegaram com o bendito saco azul, já era tarde demais. O plano “sinistro” de Teodoro já havia sido posto em prática, e o saco de pedras havia substituído o de ossos. Ivanira viu Tainá chegar com o saco azul e quase que o coração lhe sai pela boca. Sobressaltada, agarrou a menina pelo braço ao mesmo tempo em que fazia um sinal de silêncio para o filho e levou-a para um canto, à parte do pequeno grupo ao redor da sepultura. Welton acompanhou-a e ambos ficaram sabendo da troca dos sacos.

Os três ficaram ali parados e em total silêncio enquanto olhavam Celma e seus familiares ainda em pranto. Ivanira sentiu um nó na garganta que só agora apareceu, não em

virtude de qualquer sentimento pela falecida, mas por vergonha do que acabara de fazer. Pensou no filho: “...Que tipo de mãe eu sou? Que ‘belo’ exemplo estou dando...”, e tentava se consolar por insistir para si mesma que conseguiria contornar toda aquela situação. Mas, só depois. Por hora, precisava finalizar todo aquele processo.

E o enterro foi concluído. Velas, lágrimas, orações, cantorias, tristezas profundas, tudo isso havia passado no dia seguinte. Ivanira reuniu os demais colegas e lhes relatou o que havia feito, com a ajuda de Teodoro. Embora alegasse ser sua obrigação relatar os fatos, ela precisava dividir com todos o peso da culpa. E assim o fez. Quando ela propôs a solução de substituir o saco impostor pelo verdadeiro todos concordaram.

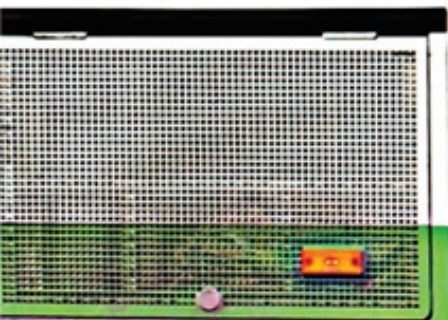
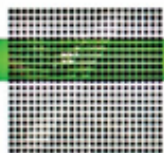
Escolheram um horário propício para a troca. Fizeram-na sem problema. Todos os cúmplices estavam presentes, calados, culpados e encurralados. Sem que se dessem conta, era como se estivessem ali para garantir que o saco iria para seu devido lugar. O clima era de luto tanto quanto o próprio velório. Talvez mais. Welton quebrou o silêncio, por um momento: “Melhor isso do que pedra”. Ninguém sorriu. Ao terminarem, cada um deles retomou as suas atividades. O pacto de silêncio estava acordado. E, lá dentro da cova, os ossos do falecido descansavam em paz. No mais, as atividades no Campo da Saudade continuaram como sempre.

Com o tempo, não havia mais espaço para tanta demanda de sepultamentos. Em raras ocasiões uma ou outra gaveta era requisita pelas famílias e Ivanira estava lá para ajudar

no que fosse preciso. Naturalmente, mais desperta, atenta e vigilante.

Para ela, outro incidente como o do saco azul — “nunca mais”.

“ *Seu pai já não estava mais ali.
Na verdade, nunca esteve.
Ele faleceu quando Mônica tinha
apenas dois anos de idade
e as lembranças que ela tinha dele
eram como flashes muito
breves e poucos.* ”



CONTO 11

PRINCESA DIANA

Mônica acordou bem cedo e depois dos rituais de espreguiçar, bocejar, coçar as costas e esfregar os olhos, imobilizou-se sentada em sua cama, olhando fixamente para a parede enquanto procurava por algo que matinalmente lhe faltava: a coragem.

— Venha, coragem! Venha! — implorava.

Não teve jeito. Ela precisou reunir todas as forças, quase nenhuma naquele horário, e se levantou, indo em direção ao banheiro. Não despertou por seu relógio biológico, nem pelo alarme do celular, mas pelo tintilar dos talheres que sua mãe fazia soar na cozinha ao preparar o café para a família. Mônica, ao passar pela genitora que organizava a mesa para o desjejum matinal, deu-lhe um beijo preguiçoso, um “bom dia” inaudível seguido de um pensamento incompatível com o momento, ao olhar para a pia da cozinha:

— Lavei essa louça toda ontem à noite. Daqui a pouco estarão todas sujas de novo. Por que tudo não é descartável? — lamentou.

Reclamar em pensamento era mais seguro, pois Mônica se lembrava de quantas vezes nos últimos anos a mãe a havia obrigado, ainda que com centenas de argumentos, a lavar aquelas louças diariamente. Somente quando percebeu que se tratava de uma guerra perdida, foi que ela decidiu aceitar

a missão e pôr um fim aos embates intermináveis. Agora, porém, interessavam-lhe as obrigações imediatas que envolvia arrumar-se o quanto antes para ir para a escola.

Como sempre, um pouco de café e um pedaço de pão, às pressas, uma verificação da mochila, outro beijo na mãe e, com a boca ainda cheia, saiu porta afora, em direção à parada de ônibus. No trajeto encontrou os vizinhos de sempre. Um deles era o Oscar, rapaz esbelto e malhado, que nunca perdia seu horário de caminhada e que já contava com seus vinte e sete anos. Não estudava nem trabalhava, era o “queridinho da mamãe” cuja única preocupação eram suas postagens nas redes sociais, sem falar, é claro, na sexta tatuagem que se iniciava em alguma parte do tórax para terminar de cobrir toda a pele do braço esquerdo.

— E aí, gata! — disse Oscar a Mônica enquanto passava por ela, tentando parecer mais jovem do que era e forçando uma intimidade que nunca tiveram.

— Bom dia — respondeu Mônica, indiferente.

No meio do percurso, encontrou-se ainda com Letícia e com o irmão, Leosvaldo, que odiava o nome que seus pais lhe deram. “Me chamo Léo”, é o que ele dizia ao se apresentar, mesmo em situações formais, esperando que ninguém tentasse descobrir se o “Léo” era de Leonardo, de Leomar, ou de qualquer outro “Leo...”. Mônica os tinha em alta estima, visto que conseguiam se entender muito bem, apesar das diferenças de personalidade. Eram apenas diferenças em pequenas coisas que em nada prejudicavam as risadas e as conversas, com ou sem propósito, que travavam todos os dias ao se deslocarem para a escola.

Léo era tímido e introvertido, mas se sentia à vontade com Mônica, visto que ela tinha plena noção dos limites e dos sentimentos do colega, evitando ofensas desnecessárias. Já Letícia era o oposto do irmão. Falante e extrovertida, poderia ser muito popular, porém, algo a impedia — a franqueza extrema. Tentava se controlar, mas não conseguia. Sempre armada e de língua afiada, quando menos esperava, já havia dito o que não devia. Não foram poucas as vezes que, quando criança, defendeu o irmão, chegando a ir aos tapas com outros garotos, para ajudá-lo. Naturalmente, sua personalidade impaciente contribuía para que sua popularidade fosse como uma montanha-russa, de altos e baixos.

Assim, os três se direcionaram até a parada e ali esperaram o ônibus das 6h30, que nem sempre passava no horário certo. Naquele dia, não se atrasou. Passou dentro do horário e lotado. Mais que isso, abarrotado. Parecia não passar nem vento entre os passageiros, que dirá entrar mais alguém. Quando a porta se abriu...

— Meu Deus! — exclamou Léo.

— Só tem este ônibus em nosso planeta? — indagou Letícia, já dando indícios de aborrecimento.

— Parece que sim. Vamos! Vamos! — incentivou Mônica, forçando a entrada no veículo.

E entrar não foi nada fácil. Foi literalmente à força. Havia umas dez pessoas entre a porta frontal do veículo e a roleta. Após entrarem e a porta se fechar, não dava para ir adiante, era preciso esperar que alguns descessem em uma próxima parada para que o fluxo fosse possível.

As duas cadeiras para idosos, localizadas próximo ao motorista, estavam ocupadas, mas apenas uma delas por uma idosa. Na outra, estava uma garotinha de cerca de cinco anos de idade. Foi então que o motorista, para piorar a situação, encostou na próxima parada e abriu a porta para que mais passageiros entrassem. Duas jovens e uma senhora idosa ousaram subir, apesar do protesto dos demais passageiros que já estavam no veículo. Todos começaram a se perguntar quantas pessoas mais ainda se permitiriam entrar naquilo que havia se tornado uma "lata de sardinha".

A idosa que entrou por último procurou logo o assento que deveria lhe pertencer. Havia porém, um obstáculo: Diana, a pequenina de cinco anos. A mãe de Diana apanhou-a pela mão para que cedesse o lugar para aquela senhora, mas foi surpreendida pela resistência da filha, que, segurando com firmeza no suporte lateral da cadeira, recusava-se a sair.

— Eu quero ficar sentada! — decretou a pequena.

— Diana, minha filha, levante. Fique aqui perto da mãe — insistiu a genitora, já com alguma vergonha.

— Nããã!! Eu quero ficar sentada! — insistiu a pequena, começando seu choro de birra e sono.

A mãe puxava, a filha resistia. A vergonha foi aumentando, e a raiva também. Todos olhavam e sorriam enquanto a idosa continuava em pé — e não sorria. Mônica, enquanto via a cena, se lembrava de sua avó, que, quando olhava uma criança dando "piti", dizia que no tempo dela "isso se resolvia facilmente com uma surra". Será que aquele rosto sério daquela idosa que olhava para Diana fixamente estava ape-

nas refletindo um pensamento igualzinho ao da avó? Mônica não poderia ter certeza, mas se fosse verdade, a pobre Diana estava apenas protegida pelo público e pela paciência de sua mãe — que, ao que parecia, não usava a disciplina física como primeiro recurso. Entretanto, com muito custo, gritos, choro e lágrimas, a “princesa” Diana foi removida do seu trono. A idosa pôde, então, tomar seu assento de direito. Diana a olhava, sentada em “seu” lugar, com um ódio enorme, como se a idosa houvesse tomado seu reino cheio de doces e outras guloseimas.

Passada a crise, o aperto continuava. Vinte minutos seria o tempo suficiente para chegar à escola. Mônica, enquanto ouvia as reclamações sobre o porquê das paradas incessantes do motorista, olhava distraída para o nada, ao passo que Letícia contava alguma história da qual a amiga sorria, aqui e ali, pegando uma ou outra ponta do que se falava, sem, no entanto, prestar realmente atenção. Em um dado momento, Mônica foi deslocada no tempo quando olhou novamente para a idosa e se lembrou da avó, que, por sua vez, a remeteu às lembranças do pai.

Seu pai já não estava mais ali. Na verdade, nunca esteve. Ele faleceu quando Mônica tinha apenas dois anos de idade e as lembranças que ela tinha dele vinham como *flashes* muito breves e poucos. As fotos não eram suficientes para formar uma ideia de personalidade, insuficiência que lhe permitia criar um pai diferente a cada vez que pensava nele. Só que, em seus pensamentos, ele não envelhecia sendo sempre bondoso e companheiro. Era forte, mais do que nas fotos, e sempre a olhava com o mesmo olhar terno. A causa da morte ela não

sabia exatamente. A mãe e a avó desviavam-se do assunto sempre que este vinha à tona.

— Você entendeu? — perguntou a amiga Letícia, interrompendo os pensamentos de Mônica.

— Sim, sim. Entendi.

— Entendeu o quê?

— Já disse que entendi, Lê!

— Aterrissa aí, amiga!

— Pessoal, vamos passar nessa roleta logo. Arrocha aí! — insistiu Léo, empurrando a irmã e a amiga.

E foram se espremendo entre os demais passageiros até a roleta. Passaram seus cartões no leitor magnético, primeiro Mônica, em seguida Léo e, quase, Letícia. Quase porque seu cartão não funcionou. Uma, duas, três tentativas, e nada. Letícia começou a se aborrecer com a situação e as coisas pioraram quando outros estudantes, ali presentes, começaram a dar suas amistosas sugestões:

— Passa por cima — sugeriu um.

— Sem recarregar, não passa, não. — Mais um.

— Quer uma graninha para ajudar? — Risos.

Letícia não sorria e, com um misto de vergonha e raiva, estava a ponto de explodir com alguém. Mônica sugeria a limpeza do cartão, na esperança de que desse certo e um escândalo fosse evitado. E deu certo. Ainda bem! E o tal aperto continuava enquanto os estudantes precisavam alcançar a porta de saída. A escola estava próxima e chegou o momen-

to de descer. Saíram daquele ambiente para um outro, com “apertos” ainda maiores.

Os três jovens desceram e foram para mais um dia de aula naquele Centro de Ensino. Mônica com suas obrigações; Letícia, para o que desse e viesse; e Léo, para um local que representava para ele um centro de tortura.

Para os três, a batalha de cada dia.



CONTO 12

A GRANDE PLATEIA

A noite estava quente naquela cidade do interior do Maranhão onde Gino se apresentaria para sua plateia. Enquanto esperava o momento de subir ao palco com sua voz e violão, tentava amenizar o suor que corria do rosto ao resto do corpo, naquele camarim improvisado. Cantaria as mesmas músicas de sempre, do seu repertório parcialmente plagiado, mas que por muitos anos alimentou sua família. Eram duas horas da madrugada e parecia que a vida e a subida ao palco não tinham pressa. Tanto era assim que Gino teve tempo para lembrar como havia chegado até aquele dia.

Ele nasceu no sertão da Paraíba, onde seus pais residiam. Não teve irmãos, sendo que sua mãe por pouco não faleceu durante o seu parto. Seu principal educador foi o pai, Tonho Tocador, famoso na vizinhança por dedilhar a viola. Gino nasceu Ginomar e, pela estranheza do nome e a zombaria dos colegas, preferiu ser conhecido pelo apelido dado por seu avô materno, que não teve muito trabalho, mantendo apenas a primeira parte do nome do neto. Não houve objeção dos demais familiares, e assim ficou.

Na labuta diária, Gino precisava se curvar às necessidades impostas pela pobreza local. Não havia perspectivas de melhora da situação de carência comum a todos naquela região. Para ele, uma possibilidade alimentava sua mente: virar um cantor profissional. Então, depois de muito treino e uma

falta de dom visível, aprendeu a tocar com o pai e começou a acompanhá-lo nas noites de festas e nas ocasiões das celebrações anuais. Tonho não era nem cantor nem instrumentista profissional, mas "dava para o gasto". Gino pensava que poderia tornar-se melhor do que o pai caso se esforçasse o suficiente.

Foi com esse pensamento em mente que aos dezoito anos de idade ele saiu de casa em direção a Goiânia, capital do Goiás, junto com o amigo Francisco Leno, o Chico Sanfoneiro. Tinham a intenção de formar uma dupla, ou um trio, de música sertaneja, se encontrassem um bom vocalista, já que nenhum deles cantava muito bem. A decisão de irem para a capital goiana seguiu dois critérios: a música sertaneja era a moda do momento e Goiânia era o berço daquele estilo. Partiram, com pouco dinheiro e muita esperança.

Naquela capital chegaram e se hospedaram em uma pequena pensão onde foi possível. Daí em diante passaram-se meses e o máximo que conseguiram foi tocar em pequenos ambientes a troco de valores ainda menores. Sem um companheiro vocalista, se viravam como podiam. As coisas ficaram cada vez mais difíceis e foi então que perceberam que a vida de artista tinha muitos desafios — alguns, insuperáveis. O choque de realidade foi inevitável e desfez a "dupla", que nem chegou de fato a existir. Chico, extremamente desanimado, se despediu do amigo e voltou para a Paraíba.

Gino não desistiu de continuar tentando o sucesso desejado, embora suas expectativas agora fossem mais próximas da realidade do que dos sonhos que antes pairavam em sua cabeça. Continuou tocando onde quer que surgisse oportuni-

dade. Como o dinheiro que ganhava não era suficiente para o sustento, complementou a renda por trabalhar em um restaurante, como churrasqueiro, durante o dia e parte da noite, tocando apenas nos fins de semana. Assim passou os dois anos seguintes.

Uma possibilidade de mudança ocorreu quando ele foi à apresentação de uma banda de forró que se apresentou em um bairro próximo de onde morava. Conheceu, entre os integrantes, Dilermano, sanfoneiro e violeiro dos bons. O novo amigo convidou Gino para acompanhar a banda nas duas próximas cidades para aonde iriam. Gino aceitou o convite mas, antes, teve o cuidado de combinar com o patrão que se ausentaria por duas semanas para testar a possibilidade de um novo emprego. Não houve objeção. Gino partiu com o grupo, gostou da mudança, telefonou ao patrão se despedindo e seguiu a banda.

A partir das duas primeiras cidades o grupo continuou a tocar em vários lugares durante um período intenso por seis meses. Sendo uma banda ainda pouco conhecida, costumavam apenas abrir os *shows* de cantores e bandas maiores. As apresentações do próprio grupo ocorriam em cidades pequenas, nos entornos. Para Gino o salário havia aumentado, não muito, mas o suficiente para que pudesse manter as esperanças de que algo melhor acontecesse em sua vida.

O tempo passou, as turnês continuaram, e minguaram — pela concorrência enorme das novas bandas, além da mudança do gosto musical. Inovaram. Passaram a tocar sertanejo; depois, calipso; depois, axé, já na Bahia, onde ficaram por um ano e meio; forró, novamente; sertanejo universitário

e, dependendo da necessidade, tocavam qualquer coisa que pedissem ou pagassem. Passados cerca de quatro anos, dos integrantes originais da banda restaram apenas dois, o vocalista e Gino. Mais um adeus, e se separaram.

Gino seguiu para o Maranhão e, na capital, São Luís, procurou se integrar com os músicos locais. Não foi difícil. Ele agora já possuía uma boa experiência musical e de convivência em grupo, muitas dessas bastante desagradáveis e desmotivadoras. Mas ele não era do tipo que fugia da raia e continuou tentando se encaixar em todas as oportunidades que encontrava.

Apesar de ter conhecido muitas pessoas desde que saiu de casa, Gino não conseguia evitar a saudade que lhe vinha ao peito por causa da distância da família. Se comunicava parcamente com o pai e a mãe devido às intensas atividades de trabalho. Nunca havia conseguido tirar férias para visitar os parentes, primeiro pelo tempo “curto”, depois, por causa do dinheiro que raramente sobrava. Seus piores pensamentos vinham quando a cabeça encontrava o travesseiro e o cansaço permitia algum pensamento antes de adormecer por completo.

Durante os anos em que esteve envolvido com a música, Gino conheceu diversas personalidades do meio artístico. Com elas conviveu, aprendeu, desaprendeu, enfim, sobreviveu. Entendeu que algumas pessoas não mereciam admiração pelo que eram, mas apenas pela qualidade dos seus trabalhos. Observou que, assim como em todas as profissões em que poderia pensar, haviam os que se preocupavam apenas com os aspectos financeiros do chamado “negócio”. A beleza que cos-

tumava ver na arte de cantar havia se desvanecido um pouco, porém não o suficiente para desanimá-lo por completo.

Com o tempo, já com um certo grau de confiança em suas habilidades de lidar com o meio artístico, ele optou por seguir carreira solo, ali mesmo na capital maranhense. Gravou dois álbuns de músicas com ritmos variados, sendo que um dos álbuns foi em parceria com dois outros cantores regionais. Nessa lida já estava cansado de acordar diariamente com a incerteza do que aconteceria consigo financeiramente a cada mês. Então, depois de dez anos de estrada, humorizou: “Em uma churrascaria, se cantar não der certo, eu viro churrasqueiro. Conheço bem o ofício”. Deu certo. Cantou e encantou. Fechou contrato de seis meses com o Ponto do Churrasco, na Avenida dos Holandeses, para cantar por três dias por semana.

No restante do tempo que lhe sobrava Gino se apresentava em dois estabelecimentos diferentes, e foi em um desses que conheceu Zelda. Ela trabalhava como garçonete *freelancer*, em uma das churrascarias em que Gino tocava sua viola. Começaram um namoro que, depois de dois anos, transformou-se em casamento. Como Gino já conhecia bem a família de Zelda, entendeu que deveria levá-la para conhecer a dele. E assim o fez. Viajaram no mês de novembro que coincidiu com um período de dez anos desde que o violeiro havia estado em casa. O reencontro com a família foi “uma festa só”.

Não tendo o sucesso acontecido como esperado, só restava a Gino apresentar à família as muitas fotos que durante aqueles anos em que esteve ausente trazia na bagagem. Seu pai ficou orgulhoso só de ver com quanta “gente

importante” o filho já estivera. Para Tonho, que só ouvira falar dos grandes cantores e cantoras, saber que o filho os conheceu e até trabalhou com alguns já era motivo de grande orgulho. Gino entendeu a satisfação do pai e da mãe e isso lhe permitiu retornar para São Luís, com a esposa, de “alma lavada”, e com as orelhas quentes dos “puxões” que a mãe deu por ter ficado tanto tempo longe e dado poucas notícias. Prometeu a todos que os visitaria anualmente dali em diante.

De volta à capital maranhense, Gino e Zelda retomaram suas labutas do dia a dia. O tempo passou, vieram dois filhos; os filhos cresceram, casaram e tomaram conta de suas próprias vidas. Zelda deixou a profissão de garçonete, pois a coluna e as pernas já não mais suportavam, e começou a agenciar a carreira do marido acompanhando-o nas apresentações e sendo, segundo o próprio Gino, sua principal incentivadora.

Todas essas lembranças passaram pela cabeça do violeiro numa fração de segundos. Porém, ele foi trazido de volta à realidade quando Zelda o interrompeu, indicando que era o momento de ele subir ao palco.

— A casa está cheia? — perguntou Gino.

— Daquele jeito! — respondeu Zelda, sorrindo.

— Então o show será grande! — concluiu Gino.

Ao subir ao palco, os aplausos esperados. A plateia era sempre respeitada pelo artista e ele daria o seu melhor, como sempre fez.

Olhou para a esposa, que estava sentada na primeira fileira, e jogou-lhe um beijo.

Tocou, cantou e declamou por uma hora e meia. Ao final, os saborosos aplausos daquela grande plateia composta de quatorze pessoas, contando com Zelda.

LE COCHEZ 5 NUMÉROS + 1 n° CHAN

① ② ③

POUR CHAQUE GRILLE COCHEZ 5 NUMÉROS

2	3	4	5	6	7	8	9	<input checked="" type="checkbox"/>	11	12	13	14	15	16	17
19	20	21	<input checked="" type="checkbox"/>	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	<input checked="" type="checkbox"/>	33
36	37	38	39	40	41	<input checked="" type="checkbox"/>	43	44	45	46	47	48	49		
2	<input checked="" type="checkbox"/>	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
19	20	21	22	23	24	<input checked="" type="checkbox"/>	26	27	28	29	30	31	32	33	34
36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49		

CONTO 13

A SORTE ESTÁ COMIGO

Januário nasceu em uma pequena cidade no interior do Estado do Pará, vindo de uma família de nove irmãos. Até aos dezoito anos de idade viveu na roça e entendia de tudo, e um pouco mais, da lida no campo. Após completar a maioridade, decidiu partir para a capital, Belém, com sonhos de poder modificar a sua vida tanto em sentido educacional quanto financeiro. Nos dois anos em que frequentou uma pequena escola aprendeu a ler com dificuldade. Por isso, via em sua mudança para a capital em busca de melhores oportunidades.

Sendo o caçula da família, ele se sentiu seguro para sair de casa e deixar seus pais idosos aos cuidados dos irmãos, especialmente de Juscelino, que morava ao lado do sítio onde foram criados. Certamente não deixou de haver os parentes bem-intencionados que tentaram desmotivá-lo da viagem. Argumentaram que a vida na cidade grande teria seus sofrimentos garantidos e a prova seria o fato de que muitos dos que já haviam enredado por esse caminho voltaram tão ou mais pobres do que foram. Januário não contestava, pois sabia que em muitos casos o fracasso ocorreu realmente com os aventureiros. Porém, para ele, não tentar era pior do que fracassar.

Com a decisão tomada e uns poucos trocados economizados arduamente, as advertências nas palavras da mãe e do pai, uma mochila dos alimentos produzidos no campo e

ainda outra com umas poucas roupas, Januário partiu para Belém. Antes, havia ligado para o primo Diogo, seu único e possível suporte na capital, visto que este já estava naquela cidade há cerca de dez anos. Trabalhava na construção civil e teria garantido arranjar um emprego para Januário na mesma área. Havia na casa de Diogo um pequeno cômodo, nos fundos, onde o primo poderia morar até que se organizasse para ter seu próprio canto.

Uma vez na capital e já empregado, Januário investiu toda a sua energia no trabalho, ao passo que economizava cada centavo que sobrava das despesas no final do mês. Reduziu seus móveis a uma cama e um televisor, usados, além de uma pequena mesa e uma cadeira cedidas pelo primo. Nos fins de semana regrava os gastos evitando saídas e mantendo apenas uma vez por mês o assar de uma carne, com o primo e a esposa, além dos dois filhos pequenos do casal. No mais, tudo parecia estar dando certo. “A sorte parece estar ao meu lado”, dizia, sempre que alguém lhe perguntava como estavam as coisas, especialmente nos telefonemas que dava, em dias marcados, toda semana, para a família deixada no interior.

Decorridos três anos, Januário conheceu Rosa em uma festa para a qual fora convidado. Após um ano veio o casamento e, seis meses depois, o Arthur, o primeiro filho. Alugaram uma casa pequena, mas confortável, bem situada em relação ao local de trabalho. As despesas eram cobertas com alguma dificuldade, especialmente porque as economias de Rosa, feitas enquanto trabalhou antes do nascimento de Arthur, haviam se esgotado. Ele cogitou a possibilidade de

voltar a trabalhar mesmo que significasse deixar o bebê aos cuidados da avó. Enquanto isso, o salário de Januário era o único dinheiro que entrava na casa.

Porém, as coisas pioraram após o término da última construção em que Januário trabalhou. A empresa que o empregara desativou suas atividades em Belém e ele, como tantos outros, teve que procurar novas oportunidades de trabalho. Seu primo, Diogo, ficou na mesma situação, buscando a mesma coisa pelo mesmo motivo — o sustento.

Passaram-se semanas sem que nada acontecesse em relação a um novo emprego. As despesas de Januário continuavam as mesmas. A ansiedade, diferentemente, só aumentava dia após dia. Filas intermináveis, entrevistas, entrega de currículo, solicitação da ajuda de amigos para dar uma indicação... e nada, nada funcionava. A falta de recurso fazia o clima em casa ficar cada vez mais tenso. Rosa propôs um trabalho informal e Januário, mesmo a contragosto, já que começou a se sentir um fracassado, consentiu. Não vendo outra saída, se dispôs a ajudar a esposa na venda de quentinhas, no bairro onde moravam. O lucro era pequeno, no entanto, permitia que ao menos o alimento não faltasse no lar.

Após oito meses sem emprego formal, Januário soube pelo primo que havia uma nova oportunidade de conseguirem um novo emprego. Animados com a possibilidade, ambos se dirigiram até a empresa contratante. Após todos os trâmites da contratação, apenas Januário obteve uma vaga. No caminho de volta para suas casas, os companheiros ficaram em silêncio. Januário, sentindo-se mal pelo fato de o primo não ter tido a mesma “sorte”. Puxou uma conversa

ou outra, enquanto se deslocavam. Diogo permanecia calado, quando muito murmurava alguma coisa, sem conseguir entender como o primo havia conseguido a vaga e ele não, mesmo tendo muito mais experiência. Pensou que poderia ter sido talvez pela diferença de idade, visto que tinha uns dez anos a mais, mas não concordava que fosse motivo válido, já que se sentia plenamente apto e sua saúde não o desmentia. E foi nesse clima pesado que foram cada um para seus lares: um com uma notícia excelente, o outro...

Em seu novo emprego, Januário trabalhava com a mesma determinação e dedicação de sempre. Era motivado por pensar na esposa que, com a ajuda da mãe, continuava na lida com as quentinhas, e em Arthur, seu pequeno. A distância entre o trabalho e a casa mantinha-o longe da família durante o dia inteiro e parte da noite, sobrando um tempo maior apenas nos fins de semana. Nestes, costumava visitar o primo. As visitas ficaram cada vez menos frequentes, especialmente devido ao mau humor de Diogo, que já não era mais o mesmo desde o incidente na busca por emprego. Januário sentiu essa diferença no comportamento do primo e aos poucos fez raras as suas idas à casa daquele. Diogo, se dando por ofendido, pagou na mesma moeda.

— Ingrato! — comentou Diogo com a esposa. — Quando estava na pior, morando praticamente debaixo do nosso teto, não saía daqui de casa. Bem feito pra mim. Tentar ajudar a quem não merece. Ingrato!

À medida que o tempo passava, Januário concluiu que seu trabalho e o da esposa manteriam as contas pagas, mas não daria a eles nada além disso. Começou a investigar entre

seus colegas de trabalho sobre se alguém teria uma boa ideia para “melhorar de vida”, talvez uma possibilidade de montar algo que desse uma renda maior. Em uma dessas ocasiões, ocorreu algo que influenciou completamente a vida de Januário daquele dia em diante, após uma conversa com um dos colegas, no intervalo para o almoço.

— Rapaz, que dureza, hein! — reclamou Januário. — O que há de se fazer para dar uma melhorada na vida?

— Está difícil — disse Marcelo, um colega de turno. — Aqui ou acolá, com muita sorte, dá para ganhar uma grani-nha extra, como aconteceu com o Vavá.

— Vavá?

— Sim. O Valter. Ele ganhou o último “bolão” que fizemos. Faturou uma boa grana. O pior é que o sujeito não entende bulhufas de futebol e acabou se dando bem. Vai ter sorte assim lá na China!

— Como é que funciona esse negócio de bolão?

— Não tem nada de mais. O pessoal faz todo mês. Tem dois encarregados que participam, mas na surdina. Se os bambambãs da diretoria descobrem, dá problema.

— Eu posso entrar?

— Ué, pode! Funciona assim: ...

Januário ouviu cada palavra que Marcelo usava para descrever o famoso “bolão”. Sua curiosidade foi imediatamente atiçada pela nova possibilidade de obter um rendimento extra. Apesar de também não entender nada do mundo do futebol, propôs a Marcelo dividir o valor entre os dois, caso

viesse a ganhar. Além disso, considerava que o investimento seria pequeno e o possível resultado bastante satisfatório. Se ganhasse sozinho, poderia ter em mãos o valor de um mês inteiro de salário. A proposta lhe parecia muito atraente e sem riscos extremos.

Portanto, começou a participar, com pequenos valores, para não gerar suspeitas em casa. Os sorteios sempre ocorriam em um clima divertido e regado a bebidas e des preocupações. Em muitos casos, os ganhadores convertiam o valor obtido em um churrasco para os colegas mais achegados. Este costume deixava Januário um pouco preocupado visto que não tinha a intenção de gastar seu prêmio da mesma maneira. Já pensava nas possíveis consequências de ser malvisto pelos colegas se tivesse um comportamento diferente do usual.

Não demorou muito até que Januário tivesse sua primeira experiência com a chamada “sorte”. Na terceira vez que jogou, ganhou, dividindo o prêmio com Marcelo. Afinal, “promessa é promessa”, disse ele. Na quarta também. Na quinta vez, perdeu. Na sexta, ganhou novamente. Todos ficaram pasmados com esses ganhos sucessivos e a confusão se instalou. Januário foi acusado de entrar em acordo com o colega responsável pelos sorteios e sobraram acusações até para Marcelo, simplesmente por defender o amigo. Houve então uma interrupção da jogatina e o caso já estava afetando a convivência de todos os envolvidos quanto às suas atividades no local de trabalho. Aborrecido com os últimos eventos, Januário decidiu envolver-se o mínimo possível com os de-

mais colegas, restringindo seu contato a uns dois ou três e, ainda assim, de forma limitada.

Mas, ele entendia que não poderia deixar essa maré de ganhos passar em branco. Começou então a ter ideias mais grandiosas e decidiu investir nos sorteios das loterias federais. Informou-se de tudo o que pôde sobre o funcionamento da Loteria Federal, Lotomania, Loteca, Mega-Sena etc. Planejou, calculou, investiu e esperou. Transformou o assunto em matéria de estudo. Em casa, compartilhou com Rosa sua nova esperança, mas não encontrou o apoio esperado. Ao contrário, Rosa via os jogos como só mais uma enganação e uma “boa maneira de jogar dinheiro fora”. Apesar disso, Januário continuou acreditando que, cedo ou tarde, sua hora de vencer chegaria. Foi então que, aos poucos, começou a aumentar os valores que investia a cada vez que jogava, acreditando que suas chances aumentavam, em muito, com essa estratégia.

Não demorou para que Rosa percebesse o furo no orçamento familiar. Investigando, começou a encontrar os bilhetes e comprovantes das apostas feitas pelo marido. Ela o confrontou e o resultado foi uma enorme discussão sem nenhuma solução do caso.

Januário decidiu provar a todos que estava com a razão. No mês seguinte, usou metade do salário em apostas. Como desculpa, temendo que fosse descoberto, alegou para a esposa que o salário havia atrasado, mas logo o receberia. Embora tenha estranhado o fato, já que esta era a primeira vez que isso ocorria, Rosa fez-se acreditar no que o marido lhe dissera.

Foi com extrema tensão e angústia que Januário acompanhou os sorteios daquela semana. Sabia que não teria como justificar a falta do dinheiro para a esposa se não ganhasse algo. Já havia pensado em várias desculpas como ter perdido o dinheiro, ter sido assaltado, ou outras tantas tão pouco convincentes. No entanto, preferia focar na possibilidade de que viesse a ganhar, assim como ocorreu nas ocasiões em que jogara no bolão. E foi exatamente isso o que aconteceu. Não ganhou os milhões que pretendia, mas o valor foi suficiente para repor a diferença extraída do salário e ainda sobrar uma boa quantia.

Naturalmente, foi preciso esconder o dinheiro excedente de Rosa já que não teria como justificar a origem do mesmo. Aos poucos, porém, alguma suspeita apareceu na mente da esposa ao perceber a geladeira cheia de carnes variadas, sem se falar em um inesperado presente para ela e outro para o Arthur. Indagado sobre como comprou esses “extras”, Januário fez-se de surdo e murmurou alguma resposta ininteligível, mudando logo de assunto.

No mês seguinte, Januário intencionou utilizar a mesma estratégia de jogo que o havia feito ganhar seu primeiro “dinheiro grande”. Achou que havia pegado o jeito para a coisa. Não tendo com quem compartilhar suas intenções e sentindo-se angustiado, foi até a casa do primo Diogo. A visita foi breve e produtiva. Falaram abertamente dos motivos do distanciamento entre os dois e pediram desculpas mútuas. Januário agradeceu por tudo o que o primo havia feito por ele quando chegou à capital e isso acalmou o coração do primo. Este, agora já empregado, considerou que não valeria a pena

guardar rancores. Foi num clima de calma que Januário confessou seu sucesso ao jogar na Loteria, o que levou o Diogo, cheio de boas intenções e conhecedor dos problemas que Januário já havia tido por conta da jogatina, a aconselhá-lo a não mais investir nessas possibilidades arriscadas. O conselho foi ouvido, mas não atendido.

Januário jogou mais uma vez. E desta vez usou todo o seu salário! O resultado foi desesperador para ele. Perdeu tudo! A desculpa do salário atrasado foi por água abaixo quando Rosa descobriu a verdade. Mais uma grande discussão e uma sequência de outras desavenças causadas pelo clima familiar muito tenso daquele dia em diante. Januário fez mil promessas de que o incidente nunca mais ocorreria e que ele fez o que fez simplesmente por estar empolgado com o que havia ganhado anteriormente. Promessas feitas, a vida continuou e a dureza também, enquanto Januário “pisava em ovos” dentro de casa na tentativa de corrigir o mal-estar que suas atitudes haviam causado.

Um teste para a recuperação veio no mês seguinte. Januário recebeu seu salário e foi para casa. Sua mente começou a fervilhar com a possibilidade de jogar novamente. Tentou a todo custo tirar da cabeça os pensamentos que o incomodavam. Não conseguiu. Chegando em casa, a esposa não estava, pois havia ido até a casa da mãe. Ele ficou ainda mais aflito. Entrou no quarto, tirou o dinheiro do bolso e o jogou na prateleira do guarda-roupa. Foi até a cozinha, bebeu água. Sentou-se no sofá da sala e ligou a TV. Levantou-se e foi novamente ao quarto, pegou o dinheiro e saiu. Foi até a casa de Diogo, porém o primo não estava lá. Voltando para casa,

resolveu passar no Mercadinho próximo e comprar uma coisa qualquer, só para o tempo passar.

— Quando chegar em casa, Rosa já vai estar lá. Dou o dinheiro para ela, e pronto. É isso! É isso! — raciocinou Januário, como plano para fugir da tentação.

No Mercadinho, enquanto aguardava a sua vez de ser atendido no caixa, Januário teve sua atenção roubada pela notícia que vinha de um pequeno televisor, acima, à sua esquerda: “Mega-Sena tem o seu maior valor acumulado de todos os tempos: R\$ 306.718.743,71, neste ano de 2017...” Januário ficou sério, respirou fundo e interpretou as circunstâncias como sendo um “aviso de Deus”. Não poderia ser outra coisa. Deixou a sacola de compras no chão e foi para a casa lotérica localizada a dois quarteirões dali. Diferente das outras vezes que jogou, apenas a Mega-Sena era o alvo. Seria tudo ou nada. Uma única jogada. E fez exatamente isso.

Ao chegar em casa, Januário encontrou a esposa. Já era noite e ele teve apenas alguns minutos com Arthur, visto que o filho estava esgotado e caiu logo no sono. Rosa comentou algo sobre as contas a pagar e Januário se restringiu apenas a dizer que no dia seguinte lhe passaria o dinheiro necessário. O dia seguinte chegou, e nem esperança do dinheiro prometido. Quando ele revelou à esposa o que havia feito, ela não disse uma única palavra, apenas retirou-se para o quarto a chorar. Concluiu que o marido só poderia estar doente ou louco, o que daria na mesma coisa. Na noite seguinte, Rosa, após fazer o pequeno Arthur dormir, foi para o quarto numa tentativa incerta de tentar esquecer as frustrações que lhe

atormentavam a mente. Januário entendeu que o quarto era um lugar “perigoso” naquele dia. Ficou na sala, sentado, a noite inteira. Quando amanheceu, foi para o trabalho, como de costume. Faltavam dois dias para saber o resultado do sorteio.

O dia, 31 de dezembro de 2017, domingo, chegou. Januário estava com Rosa e Arthur na casa do primo. Rosa e a esposa de Diogo estavam no quintal, enquanto os dois maridos permaneceram na sala, grudados à TV, acompanhando o sorteio, concentrados, ambos com papel e caneta, anotando ao mesmo tempo, para não haver dúvidas.

— Os números sorteados foram: 3, 6, 10, 17, 34, 37 — disse o apresentador.

— Então foram: 3... 6... 10... 17... 34... 37. É isso? — perguntou Januário ao primo, que lhe respondeu positivamente.

Januário pegou o bilhete do bolso, olhou para Diogo e esboçou um sorriso. Depois, olhou para Arthur, que brincava com os primos na outra sala. Levantou-se e foi em direção à porta que dava para a rua. Não deu mais que quatro passos e caiu, desacordado. O primo gritou por Rosa, que veio imediatamente para ver o que havia ocorrido. As várias tentativas de acordar Januário foram em vão. Como ele não reagia, Sônia, esposa de Diogo, foi às pressas buscar ajuda. Em meio ao desespero, Rosa olhou para o bilhete que ainda estava na mão entreaberta do marido. Diogo também o fez, e ambos entenderam o motivo do desfalecimento de Januário. Ele havia acertado todos os seis números sorteados!

Infelizmente, Januário não resistiu e faleceu dois dias depois. A causa: ataque fulminante. O enterro foi simples e teve a presença de três dos seus irmãos que conseguiram comparecer, além dos vizinhos e colegas de trabalho.

“A sorte estava com ele, realmente”, murmurou Diogo. Rosa discordou: “Nem tanto. Um preço muito alto. Principalmente para o Arthurzinho”.

Januário descansou. Rosa e Arthur ficaram bem.

“

— *Quem é o presunto na maca? — indagou o médico.*

— *Um escritor — respondeu o enfermeiro.*

— *Motivo da morte? Fome? - Risos*

— *Não. Infarto.*

”

Cardiac Trigger Monitor 3150

12:57

II-FILT.
30 - 160
10 MM/MV

OPT: DIR.

00

TILKOBLET



RØNTGEN AV

RR LA LL

--- --- ---

ON



ON

STBY



PACER DET.
DEAKTIVERT

OPPSETT

UTSKRIFT

MÅLING
IMPEDANS

FRYS

TEST MODUS



CONTO 14

CONTOS DA VIDA

- Quem é o presunto na maca? — indagou o médico.
- Um escritor — respondeu o enfermeiro.
- Motivo da morte? Fome? — Risos.
- Não. Infarto.
- O que será que escrevia?
- De tudo. Poemas, romances, contos....
- Será que deixou algum inacabado?
- Sim.
- Como assim?
- Estava escrevendo um com contos.
- E...?
- Morreu antes, doutor.
- Como você soube?
- Era meu pai.
- Opa! Desculpe pelo “presunto”.
- Tudo bem.
- E também pelo “finado”.
- Sem problemas.

- Sobre a “fome”, foi uma piada sem graça.
- Já estou acostumado.
- Como se chamava o fina... digo, o escritor?
- Juvenal.
- Sobre o livro, quantos contos faltavam?
- Um.
- Rapaz! Que coisa, hein! Não dá pra terminar?
- Não dá. Não escrevo nada.
- E outra pessoa da família?
- Ninguém.
- Por que não escreve essa conversa nossa?
- É uma conversa estranha pra um livro, não acha?
- Talvez. Mas, e daí? Seria uma homenagem.
- Talvez. Talvez.
- E o título? “Contos Pós-morte”? — Risos.
- “Contos da Vida”. Soaria melhor. — Risos.
- É... Meus pêsames.
- Obrigado.

POSFÁCIO

Humberto Barcelos traz no título uma temática bem atual que retrata uma das cores que compõem a pele humana.

A literatura brasileira se enche de graça ao ser apresentada pela sabedoria no uso das palavras.

Igualmente, visualizamos a memória do confrade Edmilson Sanches numa epígrafe cheia de luz: “Toda história precisa de três agentes: um para fazê-la; outro, para contá-la; e um terceiro, para preservá-la”. E assim se realiza, na nossa história em construção, as possibilidades de mostrar as faces de uma parte da população negra com graciosidade e respeito ao humano que se desenhou em cada Conto.

Desse modo, os Contos foram complementados com imagens cheia de intencionalidade do autor em nos fazer compreender que a linguagem se utiliza da “leitura da palavra” para que, com a “leitura de mundo”, interajam com muita excitabilidade, é o que nos move em Paulo Freire.

São 14 Contos. Tentaremos discorrer um pouco sobre cada um, que traz consigo uma singeleza sem igual. Apresentando no “turbante” de abertura o Conto 1, “A Moça de Pele Marrom”, em que a personagem Luzia é interpelada pela curiosidade da menina Júlia em relação à sua cor. Traça a rotina corriqueira de uma pessoa que não atentou às experiências de uma criança na percepção de que “as pessoas são diferentes”. Negras ou “morenas”, eis a chave de nossa conversa. “Pessoas de cor”, onde estão?

Com a mesma magnitude o Conto 2, “Mar à Vista” apresenta o relato da menina Alice, que explora as delícias de sentir o vento se entranhar em sua pele, concedendo-lhe a felicidade. E finaliza o belo conto com uma revelação: “Nasci sem visão. Para mim, o mar não estava “à vista”, [...] estava em tudo”. Que jeito singular de tratar a diversidade, só mesmo a intensidade das palavras para trazer à tona o sentir de uma criança repleta de memórias infantis.

Somos conduzidas ao Conto 3, “Naquele Lugar”. Por ser uma narrativa da realidade social, que perdura em espaços “sujos e sórdidos”, frutos de um “progresso” que nunca chegou, mas que tornou a vida sem vida, a morte sem luto. A originalidade do dito – “Havia também os que choravam por não se conhecerem, por não existirem, por não quererem existir. Estavam sós” – reluz a solidão humana não dita. “era só mais um banheiro de uma velha escola pública”. Meu Deus dos Esfarrapados!!! O que era essa escola?

O Conto 4, “Companheira de Todos” é um relato magistral de uma memória que se torna real numa viagem com palavras de grande teor imaginativo, para enfim saudar nossa companheira “saliva” e, assim, poder seguir... babando!!!

Instigante o Conto 5, “Inimigos”, que consiste em um texto de uma singeleza sem igual. Atiça nossa curiosidade de pessoa leitora, na tentativa de ajudar a desvendar os enigmas que se descrevem na trama. Afinal, “Era como se tivessem travado antigas batalhas mortais com perdas irreparáveis para ambos os lados”. Vizinhos ou Inimigos? O certo é que a pauta nos conduz a compreender que as diferenças podem

nos tornar “inimigos” ou amigos, no calor da solidariedade e até no encontro de nossas singelezas.

A simplicidade do Conto 6, “Ela e Ele” desenha com astúcia uma rotina de encontros sem contatos que mais tarde culmina num caso que se imagina como um espaço de relações entre dois seres nominais...

Atrativo o Conto 7, “Cavalo Amarelo” origina a saga de um guerreiro que “não pode ir à batalha sem sua armadura”. Narra, de um jeito simples e profundo, o dia a dia de um trabalhador que aplica os princípios apreendidos pelos pais na corrente luta pela sobrevivência, conforme exclama: “– Guerreira, está na hora de irmos à luta!”. Quiçá possamos ir ao encontro do ser que virá como parte da vida a nos aquietar da embaraçosa rotina de trabalho.

O Conto 8, “*iBuenos días!*” atrai nossa atenção pela riqueza de detalhes de um dia que aparentemente é rotineiro, mas expressa, desde a percepção de que “a área de lazer estava no repouso do dia anterior”, muitas imagens comumente revisitadas por nós. Quando de repente um cumprimento, “*iBuenos días!*”, coloca as pessoas para aguçarem suas generosas imaginações ou especulações, sendo decifradas por uma criança com um *kit* de informações que lhes são peculiares.

A temática posta no Conto 9, “O Reino dos Cabelos” consegue conduzir as pessoas leitoras a um jeito de pensar os cabelos com as possibilidades de contemplar suas dimensões usuais. Diferente do que se encontra naquele Reino, somos movidos a socializar que muitas mulheres negras estão

buscando informações, como aponta o Conto, e vivenciam a transição capilar como forma de empoderamento social e, mais especificamente, familiar.

A narrativa do Conto 10, “O Saco Azul” é um tanto engraçada e cheia de movimentação, com sentimentos em forma de compaixão, parceria e cumplicidade entre os acontecimentos e os detalhes da narrativa, empolgante e repleta de pormenores.

O Conto 11, “Princesa Diana” fala de uma menina que, ao sentar-se num banco de ônibus coletivo, não queria abrir mão de “seu” assento para uma senhora de idade que tinha direito garantido. Todo esse cenário leva Mônica a buscar nas férteis memórias que detém de seu pai (falecido) uma relação com a criação da pequena Diana.

Expõe o Conto 12, “A Grande Plateia” a história de um jovem de uma cidade do interior nordestino. Ela revela que “na labuta diária, Gino precisava curvar-se às necessidades impostas pela pobreza local”. Contudo, tinha um sonho a percorrer em busca da sobrevivência e conquista uma plateia para acalantar com aplausos sua sofrida vida.

No Conto 13, “A Sorte Está Comigo”. Outro sonho de uma vida melhor é retratado por um jovem que ponderava “não tentar seria pior do que fracassar”. Assim, arriscou seus salários em jogos e, quando deveria usufruir dos ganhos, falece.

Por fim, o Conto 14, “Contos da Vida”. Em tempos de mortes intensas pela pandemia da covid-19, nada mais alentador do que ler “Contos da Vida” para compreender nosso

lugar no sistema planetário e cósmico. Quem sabe escrevendo contos, podemos garantir a reflexividade do “cuidado com a casa comum”, como alerta Leonardo Boff, pois temos possibilidade de, através da arte com as palavras, contribuir com a “leitura de mundo” inscrita por Paulo Freire.

Desse modo, pontuamos, ainda, que a leitura das imagens selecionadas para compor o livro revela o grau de sensibilidade do autor, desvendando a arte de contar histórias de fatos corriqueiros com detalhamento, impregnando-os de uma linguagem erudita e profunda, ao mesmo tempo provocando nossa imaginação.

Para tanto, o confrade Humberto Barcelos pode contar pacientemente conosco para semear mais “Contos da Vida”, porque completar sua obra será sempre uma honra sem igual. Ainda mais por sermos uma Mulher de Pele Preta de pertencimento étnico-racial banhado de negritude positivada pela ancestralidade.

Imperatriz - Maranhão, 4 de julho de 2020

Prof^a Dr^a Herli de Sousa Carvalho

Curso de Pedagogia (UFMA/CCSST)
Presidenta do Centro de Cultura Negra Negro Cosme
Academia João-lisboense de Letras (Cadeira 24)

Agradecimentos pelas imagens utilizadas neste trabalho

01-A Moça de Pele Marrom

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/mulher-africano-pessoas-black-4685862/>>.

02-Mar à Vista

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/pai-filha-praia-fam%3%ADlia-papai-656734>>.

03-Naquele Lugar

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/viciado-a-depend%3%AAncia-da-2713526/>>.

04-Companheira de Todos

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/babe-sorriso-rec%3%A9m-nascido-2972219/>>.

05-Inimigos

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/pegada-animal-cachorro-areia-c%3%A30-1234391/>>.

06-Ela e Ele

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/pessoas-mulher-sozinho-rua-moda-2592298/>>.

07-Cavalo Amarelo

Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/motocicleta-bmw-moto-esporte-1209698/>>.

08-*iBuenos días!*

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/illustrations/atlas-terra-sinalizadores-pavilh%C3%A3o-62742/>>.

09-O Reino dos Cabelos

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/bela-mulher-cabelo-loiro-2405131/>>.

10-O Saco Azul

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/cemit%C3%A9rio-sombras-dia-das-bruxas-981942/>>.

11-Princesa Diana

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/%C3%B4nibus-passageiros-cheio-de-4042566/>>.

12-A Grande Plateia

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/viol%C3%A3o-m%C3%BAsica-instrumento-4750615/>>.

13-A Sorte Está Comigo

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/jogos-aleat%C3%B3rios-loto-1363219/>>.

14-Contos da Vida

Díspõnível em: <<https://pixabay.com/pt/photos/equipamentos-hospital-ecg-3089883/>>.

Formato: 148 mm x 210 mm
Tipologia: texto Georgia,
Títulos Palatino Linetype
Papel miolo: Polén 80 g/m²
Papel capa: Couchê 300 g/m²
Tiragem: 200 exemplares
Impresso em: Marco Zero Editora

Contato: (99) 98101-4562
Rua Hermes da Fonseca, nº 157
Juçara, Imperatriz - MA, 65900-400

“Seu Colega” era uma figura folclórica de Oeiras, a velha e saudosa ex-capital do Piauí. Praticava um Português escorreito e incursionava por outros idiomas. Certa vez, estando a escrever, perguntaram-lhe o que fazia. “Seu Colega” respondeu:

— *Estou transformando este lápis em letras.*

Um pouco mais adiante no tempo, as letras não brotam mais da grafite envolta de celulose e lignina. Humberto Barcelos transforma não o lápis mas teclas e toques em palavras, palavras que, cumprindo as leis literárias, mantêm entre si o obrigatório distanciamento, com o que, assim reunidas mas não unidas, dão sentido às ideias — e histórias -- do Autor e faz a compreensão — e delícias — do Leitor.

Se quem conta um conto aumenta um ponto, quantos pontos conta Barcelos com seus contos? No mínimo quatorze, que é o total de narrativas curtas deste livro, "A Moça de Pele Marrom e Outros Contos".

Portanto, não irei além de quatorze contando sobre os contos desta obra. Afinal, sou só contabilista; Humberto Barcelos é que é contista. E o que ele nos conta — bem — está nas palavras, períodos e parágrafos que este livro contém. Pelo menos nos títulos das histórias têm “mar”, “cavalo amarelo”, “reino”, “princesa”, “vida”... Seriam contos de fadas? Da carochinha? Sei que não são contos de réis, que são moedas, nem contos do vigário, que são um delito...

O conto é mais velho do que a palavra que o nomeia. Sem sacrilégio ou profanação (e de mim longe a excomunhão...), pode ser que, no princípio, não fosse o verbo, mas, sim, a imagem (ou imaginação), pois com um grupo delas nossos ancestrais escreviam/inscreviam nas paredes de suas cavernas o seu dia a dia. Eram contos contados com desenhos. A vantagem das letras é que, lendo-as, a mente vai criando as imagens, processo que, por sua vez, nutre e fortalece a mente. Retroalimentação. Ler faz bem, faz viver mais — o povo conta... e a Ciência confirma.

Humberto Barcelos, caridoso, quer que tenhamos bons momentos — literários — com "A Moça de Pele Marrom e Outros Contos".

O Autor quer porque quer. Pois sabe que quem ganha pontos não é só quem conta, mas sobretudo quem lê, contos.

Estes contos.

Deste livro.

Leia-os.....e depois venha me contar.

EDMILSON SANCHES

Da Academia Imperatrizense de Letras
Do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão
Da Sociedade de Cultura Latina do Brasil
Da União Brasileira de Escritores (UBE-MA)
Do Conselho Regional de Administração
Do Conselho Regional de Contabilidade



978-65-990790-1-6